

125  
Ano VI - 126



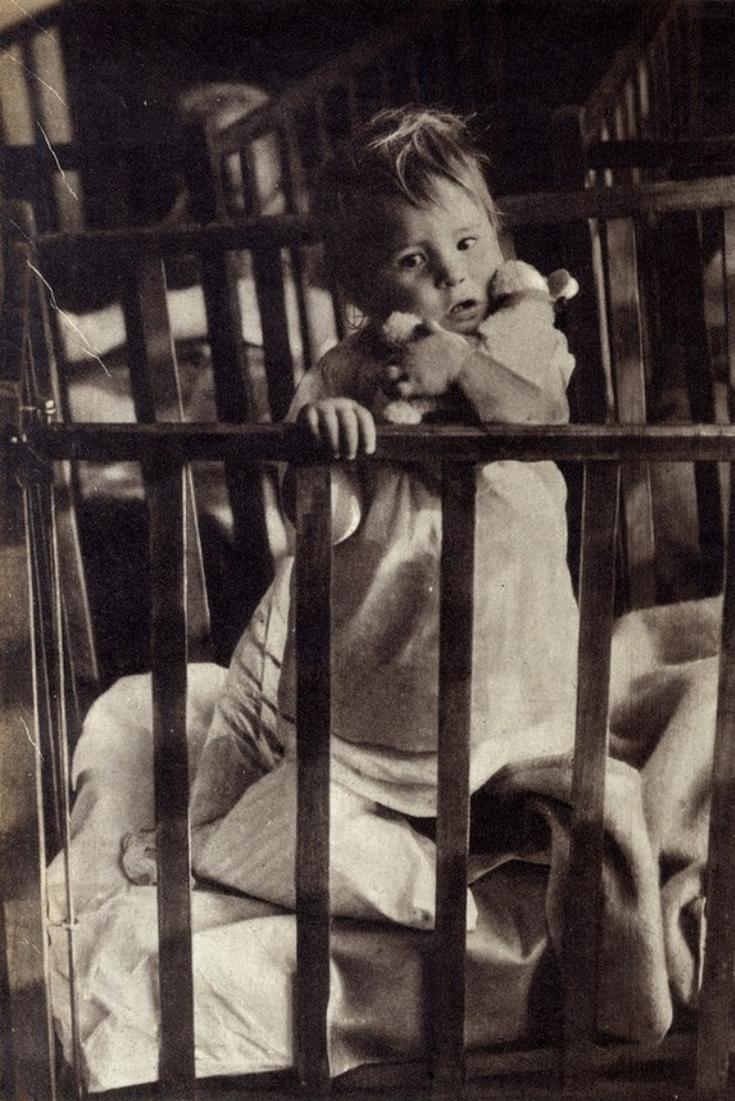
DEPÓSITO LEGAL

FEV 1946



**MUNDO  
GRAFICO**

«RETRATO DE SENHORA»,  
DO PINTOR PRETO PACHECO



Não quero que lhe invadam o seu pequenino mundo... e tem razão. Sobretudo... que não lhe toquem no ursosinho de feltro que aperta ao peito



## DE BOA VONTADE PARA A ESCOLA

por EILEEN WINNCROFT

**P**ARA as colocar longe do perigo das bombas voadoras foram evacuadas de Londres para várias áreas um grupo de 100.500 crianças, no espaço de quatro semanas. As que tinham menos de cinco anos de idade foram acompanhadas de suas mães, as crianças entre os cinco e os catorze anos de idade levaram com elas os seus professores assim como auxiliares voluntários para com estes trabalharem durante as férias e os fins de semana.

Ao fim de quatro anos de experiência ainda se reconhece que os pais adotivos, em casas particulares, convêm mais às crianças do que os grandes planos de acampamento.

Um dos problemas mais sérios para as crianças foi a organização das férias e foi um problema de dificuldade crescente à medida que as mães se ocupavam cada vez mais nos trabalhos relativos à guerra. Para fazer face a este problema todas as escolas, nas áreas de recepção, (isto é das áreas para onde tinham sido evacuadas as crianças), mantiveram-se abertas durante todo o ano graças à dedicação de professores locais e dos que tinham sido evacuados com os pequerruchos, que tiveram as suas férias por turnos de maneira a ficar dois ou três de serviço. Auxiliares voluntários dos



Uma bicha para montar o elefante do Zoo de Londres



No Zoo da capital [britânica] também há pacientes, simpáticos e inteligentes burrinhos para passear os meninos

← E digam lá que duas cordas e um bocado de táboa não podem fazer a felicidade de alguém! Se a felicidade é tão fácil de obter...

# QUE É A DEMOCRACIA?

por ROBERT MACKAY

OS acontecimentos que se desenrolaram desde a terminação da guerra fizeram com que muita gente, na Grã-Bretanha e noutros pontos do mundo, procurasse uma definição satisfatória da palavra democracia. Não é descabido lembrar, a este propósito, que, ao procurar uma resposta à pergunta: o que é a Sabedoria e Onde pode ela ser encontrada? tanto Job como Jesus Cristo, o Pregador, tinham por costume enunciar regras de conduta em vez de dar definições. Tinham muita razão. Definir a natureza precisa de uma palavra é sem dúvida uma necessidade etimológica mas, nos assuntos humanos, as definições tendem a iludir por serem excessivamente precisas e portanto incondicionais, e nos assuntos humanos poucas são as coisas que se podem determinar com exactidão e tudo é condicional. «Temer a Deus, essa é a Sabedoria; afastar-se do mal, isso é a compreensão». Por meio destes preceitos simples Job explicou muito mais aproximadamente o que era a sabedoria do que se tentasse defini-la.

Segundo consta de uma recente correspondência dirigida ao «Times», um clube de rapazes, num dos bairros mais pobres de Londres, têm estado a discutir o sentido da palavra «Democracia» e alguém, que assina «Um Estudante de Palavras», escreve a dizer que espera que esse club e toda a gente «abandone o emprego das palavras «Democracia» e «Democrático» por serem termos que o uso contemporâneo tornou vazios de qualquer sentido certo». Apoiá a sua recomendação dizendo que para Oeste do Elba e para Leste do mesmo rio «Democracia» é uma palavra que se aplica «com igual sinceridade em sentidos fundamentalmente distintos». Pode ser inegável o facto mas é certamente discutível que daí venha algum mal.

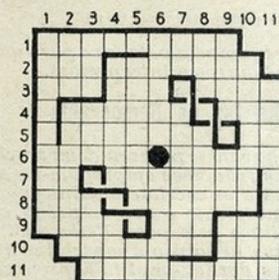
## A Verdadeira Fonte do Poder

Democracia é uma maneira de ser e não um conceito metafísico. É a este último e não ao primeiro que o dito homem conhecido do filósofo escocês Sir William Hamilton, se deve aplicar (ocorre numa das suas conferências sobre metafísica): «É sempre conveniente possuir um nome preciso para uma distinção precisa.» Longe de ser precisa, a democracia, à semelhança do verdadeiro sacerdote que, no dizer de S. Paulo, tem de ser «todas as coisas para todos os homens» e perderia certamente a sua qualidade universal se a própria palavra tivesse que ficar circunscrita por uma definição de natureza a satisfazer um precisionista etimológico e mais ninguém.

Numa das suas cartas particulares, Daniel Webster, o estadista e jurista americano, assinalando algumas fraquezas que éle atribua ao partido democrático nos Estados Unidos, escreveu: «Os democratas não são bastante democráticos. A verdadeira fonte do poder está no povo.» Aqui temos uma definição adequada e prática da democracia. É etimologicamente exacta e exprime o ideal político que toda a democracia procura atingir. Todavia, as várias nações que procuram atingir esse ideal democrático seguem caminhos diferentes, cada uma de harmonia com as suas tradições históricas e políticas, com o seu temperamento nacional e, talvez também e não é este um factor de somenos importância com a situação geográfica e as condições climáticas que lhe são peculiares. O «Estudante de Palavras» que escreveu ao «Times» podia ter dito, com mais verdade, não que a democracia significava uma coisa para Oeste do Elba e outra para o Leste do mesmo rio mas sim que significava coisas muito diferentes nos polos e no Equador, com cambiantes que variavam segundo as latitudes intermédias. Isso, porém, não justificaria que se deixasse de empregar a palavra «Democracia» embora constituia razão suficiente para que aqueles que crêem na democracia estejam certos daquilo

(Continua na página seguinte)

## PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 126

### HORIZONTAIS

- Substâncias que são introduzidas no organismo e que o avigoram.
- Nome de uma letra; Lagoas.
- Fruto da noqueira; Além; Ave palmípede, espécie de pato.
- Silêncio; Bôlo de farinha de arroz e azeite de côco, usado na Ásia.
- Sentido que se tira das palavras; Símbolo gráfico do volfâmio.
- Doutor de lei, teólogo entre os muçulmanos; De ouro.
- Preposição; Apellido do escritor inglês que apreciava muito Portugal e a sua literatura, possuindo uma notável camêliana e escrevendo várias obras sobre o nosso país.
- Discurso laudatório — Pretege.
- Desta maneira (ant.); Moder-

no estabelecimento de venda de bebidas; Interjeição  
10 — Dispusera em camadas; Ofereci.  
11 — Carinhosos.

### VERTICAIS

- República da América do Sul
- Íntimo; Quente.
- Cútis; Actua; Antipatia.
- Pomba; Caminhavam.
- Tomada de aluguer; Pedra de mofno.
- Refutei; Resina fósfil, amarelá, semi-transparente e quebradiça.
- Escaleado; Assentar acampamento.
- Nome de mulher; Atravessa-se.
- Tecido fino e brilhante; Grande quantidade; Composição poética.
- Estrofe de sete versos; Regra.
- Governais.



Solução do problema 125

## A luta contra as doenças tropicais

A ciência médica britânica antevê a exterminação de muitas doenças das regiões tropicais. Assim o disse o dr. G. Macdonald, director do Instituto Ross de Higiene Tropical, por ocasião de uma reunião do Instituto de Londres. Tinham-se já obtido muitos resultados satisfatórios na luta contra a malária. O 8.º Exército Britânico tem muito orgulho de ter eliminado o perigo da malária na Itália dentro de poucos dias. Agora está-se eliminando a malária no vale do Nilo, o que promete uma grande era de prosperidade para o Egipto. A Comissão Consultiva do Instituto tem dado preciosos conselhos ao administrador das regiões referidas, que foi preciso evacuar durante a guerra. Nesses conselhos achavam-se instruções concretas sobre o combate de todas as doenças tropicais.

## Chá em comprimidos

A sociedade londrina «Union of Ceylon Tea Planters» recebeu recentemente os primeiros «comprimidos de chá» que devem embaretecer e facilitar muito a produção de chá. São o resultado dos processos, baseados nas investigações de muitas anos do «Ceylon Tea Research Institute», que reduzem e tempo de produção de chá de 24 horas para 2 horas. Por meio deste processo denominado «P. F. C.» — o chá é reduzido a comprimidos, que ocupam pouco espaço a bordo. O chá em comprimidos é também 50 por cento mais forte do que o chá actual, permitindo uma redução de preço. A organização vai agora fazer experiências diversas com os comprimidos.

COMO O QUE ME APETECE!



Foi-se a flatulência

Saboreie a comida sem medo dos efeitos dolorosos subsequentes. Ponha ponto no sofrimento causado pela indigestão, gases e ardores, tomando Magnésia Bisurada. Uma colher de chá de pó ou 2 a 4 comprimidos neutraliza rapidamente o excesso de acidez e acaba com as perturbações do estômago.

DIGESTÃO ASSEGURADA com **MAGNÉSIA BISURADA**

À venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

# O QUE É A DEMOCRACIA?

(Continuação da pág. anterior)

que querem dizer quando empregam esta palavra e para que procurem compreender como os outros a interpretam.

## O Conceito que a Grã-Bretanha faz de Democracia

Os filósofos gregos empregavam a palavra democracia num sentido governamental, os franceses empregam-na de preferência num sentido social e os escritores políticos ingleses tem limitado tradicionalmente o seu emprego ao exercício efectivo do poder politico pelo povo. Estas distincções são muito amplas e o caso britânico é especialmente interessante porque os ingleses deram amplitude progressiva ao seu conceito do ideal democrático de maneira que, para eles, a democracia significa agora a participação substancial de todo o povo na governação do Estado.

Na célebre farsa de Sheridan, «O Critico», uma das personagens observa que «o número daqueles que compreendem o que é a fadiga de formar juízo por seu próprio esforço é na realidade muito pequeno.» No entanto, para os ingleses, «a fadiga de formar juízo por seu próprio esforço» é um dos elementos essenciais da democracia. E também nesta ideia que assenta o critério com que elaboraram a sua politica colonial. O exemplo mais recente deste facto é o caso de Ceilão. Como medida de transição para a situação final de Dominio, uma comissão especial, que examinou a questão da reforma constitucional da ilha, recomendou recentemente a instituição de um governo autónomo segundo o modelo britânico. A politica colonial britânica não tem sido evidentemente isenta de erros mas é de grande interesse notar-se que, desde a derrota do Japão, os ingleses têm sido recebidos de novo na Birmânia e na Malaia com uma boa vontade que não se explica em termos da grandeza das forças de occupação británicas.

A politica colonial britânica tem as suas raízes na doutrina que quer que as populações indigenas sejam conduzidas de passo em passo até ás responsabilidades do governo autónomo. O extremismo nacionalista não pode produzir uma democracia que funcione e o facto de os ingleses não terem a menor intenção de liquidar o seu Império não é inteiramente uma questão de egoísmo e de interesse. É principalmente uma questão de responsabilidade. Os ingleses entendem que é dever seu velar por que os povos politicamente primitivos que estão debaixo da sua protecção não serão abandonados, para serem victimas da sua própria inexperiência e do caos que se seguiria.

Nem é mais fácil na própria Europa a estrada pela qual se pode atingir o ideal democrático, embora os obstáculos sejam de natureza diferente. As profundas divergências na orientação politica que existem entre os povos da Europa central e Oriental provêm na realidade de um grau de miséria e de devastação, de fome e de extrema fadiga física de que pouca gente pode formar ideia. Há também sintomas não só de imaturidade local em assuntos politicos mas do desassossego que lava por todo o mundo. Os principios da liberdade e da democracia não perdem, porém, o seu valor por esse motivo. O alvo da liberdade politica fica de pé porque, como Lord Acton disse uma vez, «a liberdade não é um meio de alcançar um fim politico mais elevado, é, só por si, o fim politico mais elevado que existe.»

## Em Defesa da Liberdade

Hoje é aos socialistas e aos liberals da Europa que parece competir o trabalho principal de defender a liberdade. Se se deixarem tentar a pensar menos no progresso politico do que na ordem social é possível que retardem as reformas politicas e económicas e, no fim, podem até acabar por perder a própria liberdade. A Hungria e a Grécia são exemplos flagrantes não só dos esforços persistentes para fazer da democracia uma forma pratica de governo mas até de dificuldade que existe em interpretar a própria palavra democracia.

Não se deve esconder que o trabalho e as dificuldades são grandes mas também se não deve exagerar-las a ponto de serem considerados capazes de romper a grandiosa aliança que venceu a guerra contra os inimigos da democracia. De um ponto de vista meramente utilitário, os argumentos em favor de se manter e desenvolver a grande aliança democrática são muito mais fortes e mais convincentes do que qualquer influência que possa levar à sua dissolução. Todavia, é no plano mais elevado dos ideais politicos que os homens e as mulheres encontrarão maior estímulo. Encontrá-lo-ão na ideia de que, embora não haja provavelmente dois povos que atribuam à palavra democracia precisamente o mesmo sentido, o conceito da democracia tem no entanto sido sempre uma força unificadora que atravessa as fronteiras.

## UMA NOVELA

# O ÓDIO

de GUEDES DE AMORIM

A O ouvi-lo aproximar-se, a Albertina, sua mulher, veio esperá-lo à porta da loja dos bois, com uma candeia na mão.

— Esta noite, só para morcegos... — rosnou Zserfino.

A mulher confessou: — Suponhamos que ficasses na vila...

Meio surpreendido, Zserfino fitou-a e inquiriu:

— A mãe como está? — Adormeceu há pouca coisa...

Ela pediu, então: — Ajuda aqui...

Colocando a candeia na soleira da porta, a um canto, a Albertina foi auxiliar o marido a desaparelhar o carro.

Depois de tirarem as molhalhas aos animais, conduzindo-os para a loja, Zserfino disse por entre os dentes:

— Se os bois fossem mais novos, eu não teria demorado tanto...

A mulher, a seguir, foi buscar à sobre-loja, um molho de palha, deitando seis fuchucos a cada boi. Sem nada dizer, o homem veio arrancar um fuchuco a cada animal. E, como a mulher o olhasse, surpreendida, atirou, com mas modos:

— Temos que poupar a palha, para que nos chegue até Fevereiro.

E, deitando as trancas à porta, acrescentou?

— Os bois também têm de poupar...

— Deixas a pipa no carro? — Deixo. Está vazia. Amanhã vai de carregação para Alvações.

Pegando na candeia, a Albertina meteu pela escada interior, direita à cozinha. Lentamente, muito lentamente, Zserfino foi após ela. Estava em sua casa, finalmente! Uma grande fadiga pesava-lhe, agora, sobre os ombros. A cama ia saber-lhe maravilhosamente.

— Não vens ceiar? — interrogou a mulher, percebendo que os passos d'ele se dirigiam para o interior da casa.

— Deixa ver a candeia. Albertina deu-lhe a luz, seguindo atrás dela.

— Onde vais? — Cala-te.

Zserfino entrou no quarto da filha. Levantou a luz, demorando o reflexo no rosto da mãe, que dormia profundamente. Olhou, depois para a mulher. Esta, respondendo a esse olhar, informou:

— Hoje, ela gemeu menos do que o costume...

Zserfino entregou a candeia à esposa, tirou a seguir, do bolso, o frasco do remédio, colocando-o sobre uma cadeira que estava à cabeceira da doente. Seguiram ambos para a cozinha. Sentando-se num mócho, o carreiro informou:

— Olha que aquilo, como disse o doutor, é para tomar uma colher de manhã e à noite.

— Bem sei.

Ficaram em silêncio por alguns minutos. Depois de soprar ao lume e avivar as brasas, Albertina foi buscar uns socos, que entregou ao marido.

— Muda de calçado.

Zserfino obedeceu. O mesmo fez quando ela lhe apresentou um prato com batatas. Começou a comer vagarosamente. Já havia devorado metade da ceia, quando inquiriu da mulher, que se tinha sentado na sua frente:

— Houve alguma novidade por cá? Albertina respondeu:

— A Joana do Pedreiro teve uma menina.

— Zserfino suspendeu a garfada, como se não tivesse ouvido b.m. e insistiu:

— Um filho, uma menina?

Fitando-o, Albertina abanou a afirmativamente a cabeça.

— Pega lá!

E o carreiro estendeu o prato, como se tivesse decidido, repentinamente, não comer mais.

Olharam-se: o olhar do Zserfino queria dizer: «Ora vê, meu estafermo, como as outras mulheres sabem dar filhos aos seus homens». O triste olhar da Albertina, por seu turno, queria significar: «Não tenho culpa de não conseguir ser mãe... E ela continuou a aparar-lhe um olhar de censura, mas, muito humilde e muito triste. Arrependido, ele puxou, então, o prato para cima dos joelhos, e, vagarosamente, voltou a levar o garfo à boca.

Na pequena e escura cozinha, aqúelle bico de azeite apenas a tremeluzir na parede coberta pela fuligem os dois conservaram-se mudos. A Albertina, lançou à volta da cabeça e as mãos em cruz sobre os joelhos, não tirava os olhos do lume. Ela, sem olhar para ela, mastigava com irritante lentidão. Ao cabo de um largo silêncio, perguntou:

— Que mais?

Albertina continuou a olhar as brasas, não dando sinais de o ter escutado.

— Não ouves?

— Anh!?

Daí a pouco, ele deixou escapar estas terríveis palavras:

— Apetee-me matar!

Assustada, a mulher perguntou-lhe a quem queria ele dirigir-se. Zserfino não respondeu. Continuou a olhar as brasas, silencioso, soturno e ameaçador.

Seja prático e económico

viaje na

C.P.

Informações:

em todas as estações da C. P. em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722

# REFLEXOS DO MUNDO



Paquenhos austríacos que se tinham refugiado na Suíça, voltam a Viena e vão embarcar

Pipper dedica-se, principalmente, à pintura de construções. Todos os seus trabalhos têm uma característica comum; céus cinzentos, chuvas torrenciais e pesadas névens são por si só uma assinatura do autor.

Conta-se que, terminados os trabalhos, o Rei no meio do silêncio dos assistentes, incluindo o artista, exclamou:

— Por Deus! Que pouca sorte tem você com o tempo!

(Daily Mail)

## Perfumes especiais

A mãe de Mabel sapanhou uma constipação e, como medida preventiva, recorreu ao velho remédio — um copo de whisky e água bem quente.

Um pouco mais tarde, Mabel, miúda de cinco anos, preparou-se para dormir. Quando beijou a mãe, um olhar de reprovação perpassou pelos seus olhinhos:

— Mãezinha — disse ela solenemente — estás a usar o perfume do papá.

(World's News)

## Uma idéia aproveitável

Os monumentos aos mortos das guerras, nas aldeias, não têm utilidade alguma. Muitos deles são, sem dúvida, disformes. Foram idealizados por pessoas não indicadas. Aquêles que têm que formar bichas, na neve e à chuva, para sapanhar as camionetes que os conduzem aos pontos dos arredores, constituem a classe que maiores perdas tem, em qualquer guerra. Abrigos contra o mau tempo, bem desenhados, com um quadro grande onde se mencionassem os nomes dos mortos do sítio não só os faria lembrar como também serviriam de protecção.

(Countryman)

## Crítica real

A Rainha de Inglaterra, que mantém a Real Coleção de Arte (iniciada no tempo de Carlos I), bem fornecida de trabalhos dos artistas contemporâneos, ficou de tal maneira encantada com a série de quadros feitos por John Piper, do Castelo de Windsor, que no ano passado encomendou algumas colecções.

## Consciências

Dois amas acompanhavam os respectivos miúdos no Central Park. Repentinamente, uma delas perguntou a outra:

— Vais amanhã ao baile?

— Julgo bem que não.

— O quê? Tu que gostas tanto de dançar!

— Gostaria de ir — explicou a outra ama, conscienciosamente — mas a dizer-te a verdade, tenho muito medo de deixar o menino entregue aos cuidados da mãe.

(Cavalcade)

## A vida na América

Um russo, que regressara da América onde estivera um ano, contava as suas aventuras a um amigo.

— Boris — dizia ele — se tu gostas da Rússia, adorarias a América. Passa-se de autor óvel, absolutamente, de graça. Janta-se nos melhores hotéis e restaurantes, absolutamente de graça. Adquirem-se fatos e tudo mais, absolutamente, de graça. Vive-se em lindas casas, absolutamente, de graça.



— Aconteceu-te isso tudo? — perguntou Boris estupefacto.

— A mim, não, à minha irmã.

(Magazine Digest)

## A ALEGRIA DE LONDRES

Londres, a cidade heróica, nunca perdeu a sua alegria. Nas horas mais trágicas desta guerra ela manteve o seu sorriso de indestrutível certeza na vitória. Agora, a alegria é maior e, nos parques da grande capital, a juventude tem a recompensa de cinco anos de sacrifícios — e diverte-se



Os soldados divertem-se. Este vai representar para os seus camaradas num número de music hall

pelos serviços prestados e suas modalidades.

— Os melhores honorários — dizia ele — são, sem dúvida, os dos especialistas. Por exemplo: leve cinco libras para ir a casa de um doente, duas libras quando o doente vem ao consultório e uma libra quando a consulta é telefónica.

Seguiu-se um silêncio compreensivo, por parte dos alunos, depois interrompido por uma voz fina e estridente que do fundo da sala perguntou:

— Ó doutor! Quanto cobra a uma pessoa que se cruza consigo na rua?

(Barnside's Whisk'y)

## Outra de médicos

O doente: Por amor de Deus, doutor! Que conta tão exagerada para o tratamento de uma semana!

O médico: Meu caro amigo, se você souber como o caso era interessante e quão tentado eu estive em deixá-lo seguir para a neerlogia, não abriria o

bico em favor de uma conta três vezes maior.

(Herald)



É um soldado da Grã-Bretanha que se bateu heróicamente. O cão — a sua mascote — acompanhou-o sempre



ELEANOR ROOSEVELT

Opresidente Truman praticou um acto altamente honroso para a sua magistratura ao nomear Eleanor Roosevelt para fazer parte da delegação dos Estados Unidos à primeira reunião da Liga das Nações. Poucas personalidades no mundo teriam um tão claro direito a essa escolha. Ninguém, certamente, como a nomeada para erguer a sua voz em defesa de alguns princípios fundamentais.

Eleanor Roosevelt foi a companheira exemplar e a conselheira avisada de um dos maiores homens de todos os tempos. Falecido prematuramente, quando tanto havia ainda a esperar do seu talento multiforme, do seu instinto seguro e da sua experiência insubstituível, o desaparecimento de Franklin Roosevelt está na origem de muitas dificuldades que se verificam no período perturbado de transição entre a guerra e a paz que está a consruir-se. O seu exemplo ficou, porém, bem vivo no espírito dos povos de todo o mundo para que, daquilo que ele representou em chama de idealismo e em paixão de progresso, tudo possa consumir-se no espaço limitado de uma geração, a geração que o viu subir para a glória e para o Calvário.

Para tornar bem vivo esse exemplo e para continuar a lição soberana que ele encerra, Eleanor Roosevelt ainda não deixou de contribuir, assiduamente, com a sua pena e a sua palavra. O apostolado a que se dedicou, que é de fraternidade entre os homens e de justiça social como fundamentos indispensáveis da nova ordem a estabelecer no mundo, honra, com o seu nome, a memória imperectível do chefe político cujo nome e cuja tradição a sua presença sempre evoca.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A Nova Liga das Nações

ESTÁ reunida, neste momento, em Londres, a primeira Assembleia da nova Liga das Nações. As sombras e as dúvidas que, depois da vitória decisiva alcançada pelos Aliados sobre o bloco totalitário, ainda não deixaram de se projectar sobre o horizonte internacional, estão longe de se ter dissipado completamente. As primeiras continuam a constituir um factor de inquietação, cuja existência seria ocioso disfarçar. As segundas assinalam o período perturbado de transição entre a guerra, com todos os seus horrores, e paz, com todas as suas esperanças.

Há dois anos, desde a realização da primeira conferência de Moscovo, que no espírito dos povos e dos seus dirigentes se trava um debate fundamental entre as concepções opostas duma paz alcançada pelo consentimento voluntário dos interessados decididos a abdicar duma parte das suas prerogativas soberanas em nome das exigências superiores da criação duma nova ordem no mundo, e duma organização internacional que seja o produto da vontade das potências consagradas pela sua vitória militar e pelo seu poderio económico.

Este debate não é novo. Surge sempre que, em seguida às grandes conflagrações de sentido revolucionário, os homens se propõem criar as condições que consideram indispensáveis à defesa dos seus Interesses e a preservação da paz.

Sem dúvida a nova Liga das Nações Unidas que se constituiu em seguida à segunda conflagração mundial desencadeada pelas aspirações expansionistas e pelas ambições imperialistas do Reich (imperialismo político, no caso da Alemanha de Guilherme II, imperialismo racial, no caso da Alemanha de Hitler), oferece mais motivos de contraste do que ponto de contacto com a Sociedade das Nações que teve a sua sede em Génèbra onde arrastou uma existência precária e esmalhada de episódios desconcertantes entre 1919 e 1939.

Sem dúvida os dois organismos assentam os seus alicerces nos postulados da cooperação e da segurança colectiva. Mas o carácter democrático (entendida esta expressão como significando igualdade de direitos e reciprocidade de deveres entre os sociatários) da Sociedade de Génèbra oferece um contraste por tal forma eloquente com a feição hierarquizada de que a nova Liga se reveste que seria ingenuidade procurar iludir, sob as aparências da identidade de objectivos que caracteriza os funcionamento das duas instituições, a diferença real e insanável que existe entre elas.

É certo que, antes de começar a funcionar a Sociedade das Nações, existia o Conselho dos Quatro, como actualmente existe o directório dos Três ou dos Cinco. Mas enquanto o primeiro se destinava apenas a liquidar a herança penosa da guerra, o segundo propõe-se condicionar, efectivamente, a organização da paz. A diferença é fundamental e não suporta qualquer espécie de paralelo entre o que se passou há um quarto de século e o que actualmente está a passar-se.

Seria ilusão supôr que a política externa dos três grandes realiza, porém, uma harmonia perfeita e exclui qualquer espécie de solidariedade com os objectivos tradicionais e unanimemente reconhecidos dos pequenos povos. Os dois últimos discursos do Secretário de Estado, Bevin, revelam uma tendência construtiva para pôr de acôrdo as duas concepções que, até agora, se revelam opostas.

O OBSERVADOR

As cartas de Ribbentrop

Foi, recentemente, revelado o texto idêntico das duas cartas apreendidas ao antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, Von Ribbentrop, no momento da sua prisão em Hamburgo, em seguida à rendição incondicional. Ribbentrop, como se sabe, está actualmente a ser julgado em Nuremberg e o seu nome foi incluído na lista dos primeiros vinte e quatro grandes criminosos de guerra.

Tanto êle como Rodolfo Hess, para explicar o seu voo a Inglaterra, na primavera de 1941, argumentam com a vontade firme que o fuhrer sempre manifestara o desejo de concluir uma aliança, ou pelo menos um acôrdo sincero, com a nação inglêsa e com o seu Governô. A história das tentativas feitas, para estabelecer as relações anglo-alemãs numa base de respeito recíproco, está feita para que possa dar lugar a dúvidas quanto à sinceridade e boa vontade com que os governos de Londres procuram realizar essa política. Que Ribbentrop, adversário declarado do entendimento sincero e autor do pacto germano-sovietico de 23 de agosto de 1939, o qual abriu as portas à segunda conflagração mundial, surja como seu arauto pressupõe uma amnesia irremediável em todos os homens do nosso tempo que se não esqueceram do Anschluss e de Munich, da anexação da Checoslovaquia e da agressão à Polónia.

A viagem de Churchill

Winston Churchill vai gozar, num recanto tranquilo dos Estados Unidos, umas férias prolongadas, cerca de três meses, que todos certamente considerarão bem merecidas. Aproveitará a oportunidade da sua viagem àquêlê país para fazer um discurso anunciado para fins de março e para ser recebido como hospede de honra na Casa Branca.

Mas seria ingenuidade supôr que os noventa dias previstos para o repouso de Churchill vão, efectivamente, ser consumidos por êle descansando. O seu dinamismo tradicional e a sua imaginação fumegante não lhe consentirão, decerto, que êle abandone por completo os assuntos políticos.

Sobretudo, qualquer que seja a sua carreira no futuro, Churchill, grande artifice da vitória aliada para a qual contribuiu como ninguém, não se esquecerá de nos deixar o relato da sua acção durante os seis nos ombros em que o mundo esteve mergulhado na guerra.

MUNDO GRÁFICO

Director: ARTUR PORTELA

Chefe de Redacção e Editor: REDONDO JÚNIOR

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e Impressão: Neogravura, Lda. — Travessa da Oliveira, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1980

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O tribunal, sob a presidência de lord Lawrence. Este é o mais extraordinário julgamento da história

# CRIMINOSOS DE GUERRA

**P**ASSADAS as férias do Natal, recomeçou, em Nuremberga, o julgamento dos criminosos de guerra acusados pelas Nações Unidas de haverem preparado premeditadamente a segunda conflagração mundial e de a terem desencadeado sem entrarem em linha de conta com interesses e direitos legítimos dos outros povos. Dos vinte e quatro acusados, que deviam comparecer a este primeiro julgamento, apenas vinte têm assistido às sessões do tribunal. Dos quatro restantes, Martinho Borman, segunda as investigações a que procederam os serviços aliados, morreu durante a última fase da batalha de Berlim quando se preparava para abandonar a cidade já nessa altura completamente cercada pelos russos; Robert Ley suicidou-se na prisão; Gustavo Krupp e Kaltenbrunner encontram-se gravemente doentes.

Os indivíduos que estão neste momento a ser julgados por um tribunal internacional que funciona em condições inéditas, em nome da consciência universal ofendida e da causa da humanidade e da civilização que tanto sofreu com as iniciativas do Reich hitleriano, assumiram responsabilidades indelivráveis e cometeram crimes, que se encontravam há muito qualificados. Esses crimes, das mais diversas espécies, desde o repúdio dos compromissos assumidos livremente até ao



Estes são os grandes criminosos. Hess levantou-se para falar, num dos momentos em que... não lhe falta a memória



Um aspecto geral de uma audiência no palácio da justiça de Nuremberga. À esquerda, o júri; à direita, os réus — os homens que incendiaram o mundo

massacre de populações submetidas, enlutaram todo um período histórico a cujo desenrolar o mundo assistiu apavorado e dominado por um espírito de revolta impotente.

Mas, mais do que os homens, estão a ser julgados em Nuremberga princípios inconcebíveis de moral internacional e uma ética política e di-

plomática que, se porventura viesse a ter a consagração dos factos, erigiria definitivamente a força irrefutável e brutal em árbitro das divergências suscitadas entre os povos. O mundo inteiro mergulharia de novo numa fase de obscurantismo e prepotência como certamente nunca antes conhecera. Assistiríamos ao crepúsculo fatal de um tipo de civili-



À tribuna dos criminosos. Baldur von Schirach, de pé, responde às perguntas da acusação  
O presidente do Tribunal Internacional de Nuremberga: lord Lawrence



Goering, o das medalhas, parece muito interessado, apertando o auscultador ao ouvido



Num intervalo da audiência. Os réus conversam entre si, como se... tivessem a consciência tranquila — ou a inconsciência absoluta de irresponsáveis, que queriam dominar o mundo

lização que levou milênios a construir e a consagrar no espírito de sucessivas gerações. A atitude dos homens que estão a ser julgados em Nuremberga é reveladora do seu verdadeiro temperamento e dos seus propósitos reais de organizarem a vastíssima conspiração internacional cujo verdadeiro objectivo era instituir a hegemonia nazi, com tudo o que esta expressão comportava, sobre o resto do

mundo. Essa atitude continua os episódios, sem grand-za e sem elevação, que assinalaram os últimos dias da resistência alemã e da vida do regime hitleriano.

Goering e Hess já haviam sido expulsos do partido nacional socialista antes de serem conduzidos ao tribunal. Os seus correligionários e os seus chefes haviam promovido a exaltação pública desses

(Continua na página 29)



Ruínas pitorescas do castelo de Corfe, defendido tão corajosamente por Lady Banks, durante três anos, e que foi eventualmente capturado pelas tropas de Cromwell, por meio de um artilharia

por JOHN LOTHIAN

SERIA tarefa difícil contar os fantasmas que habitam os castelos da Grã-Bretanha e, nos campos encontra-se muita gente velha que ainda acredita que é possível ver em certas épocas a senhora vestida de branco, o monge de vestes negras ou o rapaz de veludo verde e tantos outros dessas hostes incorpóreas. Mais vividas, porém, do que esses velhos fantasmas são as personagens sobre as quais se lêem tantas páginas emocionantes da história da Grã-Bretanha — os homens e as mulheres célebres cujo riso ecoou por aqueles corredores lajeados. Quando se banquetavam, o vinho soltava-lhe os instintos folgazões. Na tranquilidade de salas sombrias projectaram grandes feitos ou conspiraram contra os seus inimigos e muita vez sofreram os rigores do assalto e espreitaram das altas ameias as forças sitiadas. Seria de facto verdade dizer-se que alguns dos capítulos mais românticos da história da Grã-Bretanha estão intimamente ligados a estas fortalezas que se contam hoje entre as belezas da sua paisagem. Quem pode pensar no cas-



Os muros dos aposentos reais do castelo de Ludlow

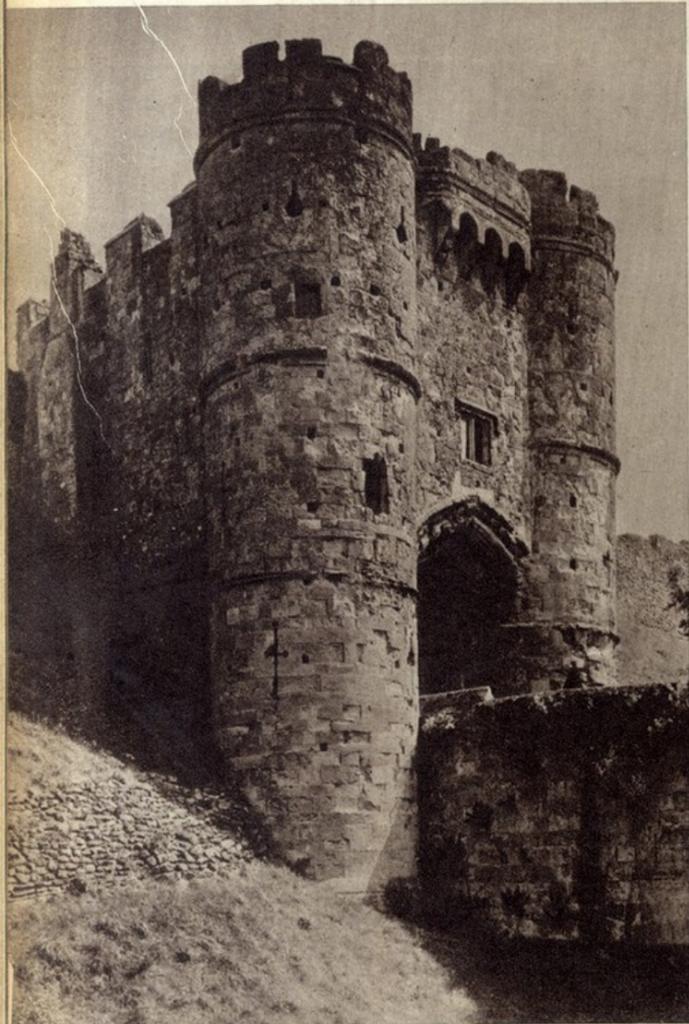


Outra vista do castelo de Ludlow, no alto da sua colina

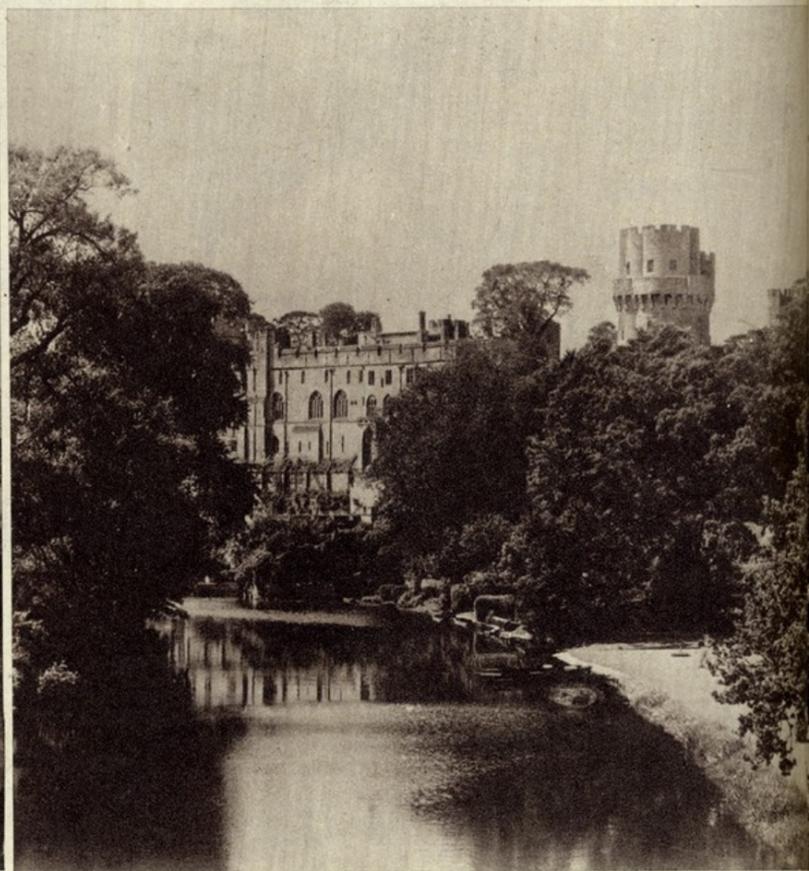


Uma vista panorâmica do castelo de Ludlow e da vila que se abriga junto dele

# CASTELOS DA GRÃ-BRETANHA



A Barbican do portão do castelo de Carisbrooke, na ilha de Wight. Foi dentro destas muralhas normandas que o infeliz rei Carlos I da Inglaterra esteve prisioneiro, antes de ser decapitado, em 1649

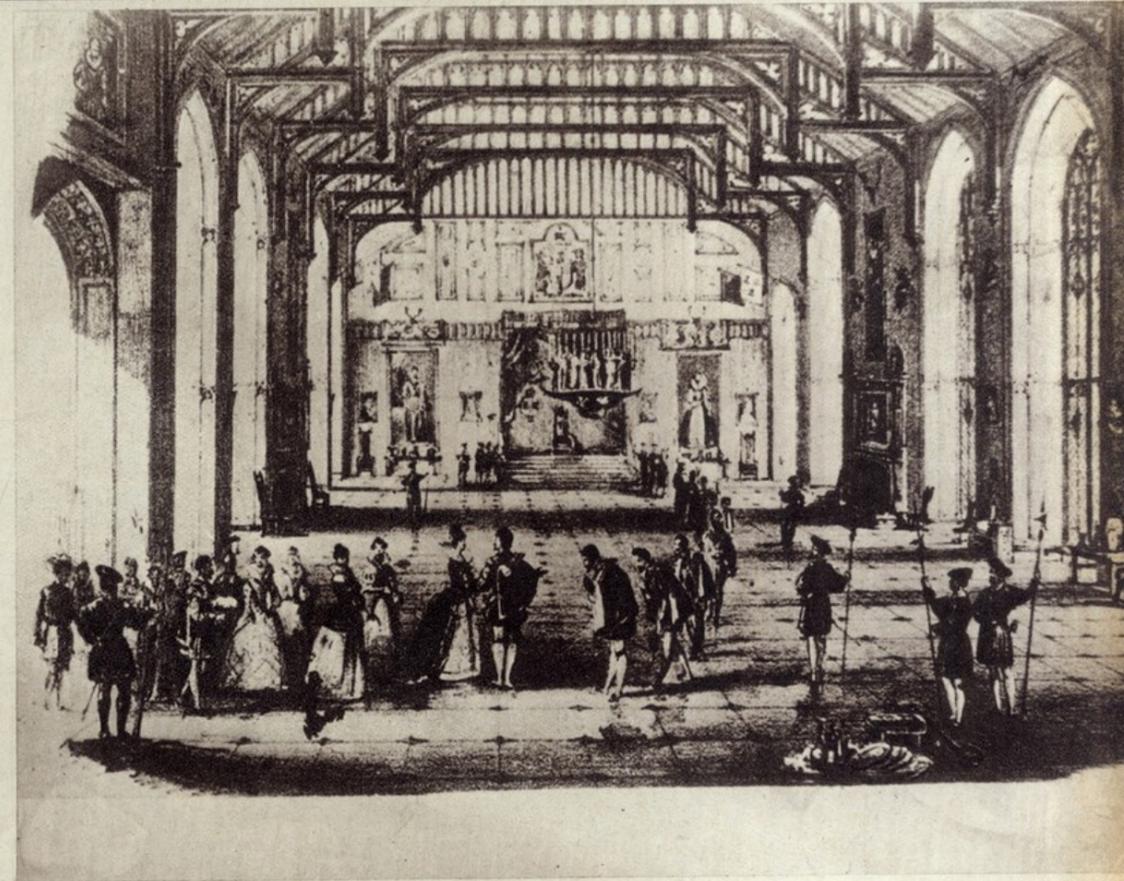


O castelo de Warwick, sobre as margens do rio Avon, em plena paisagem que conheceu Shakespeare

telo de Kenilworth sem se recordar também da grande rainha Elisabeth? Agora, uma ruína grandiosa, deliciosamente emoldurada numa paisagem onde Shakespeare passou, Kenilworth data do século XII e foi durante muito tempo um castelo real. De facto não saiu da posse da Coroa até a rainha Elisabeth o dar ao seu favorito, o conde de Leicester, que lhe aumentou a sumptuosidade e nele recebeu, com pródiga hospitalidade, tanto a própria Elisabeth como outra gente célebre, como Sir Walter Scott descreve no seu romance intitulado *Kenilworth*. A sua grande sala nobre era vasta como o interior de uma catedral e, com o seu tecto em arcada, as suas janelas rendilhadas, as suas lareiras apaineladas, é provavelmente a mais bela sala do seu género em todo o Reino Unido.

Muitos dos castelos de Inglaterra datam do mesmo período que o de Kenilworth. Quando os normandos invadiram a Inglaterra e fundaram uma nova dinastia construíram também muitas fortalezas. De princípio, os barões normandos construíram-nas de madeira, sobre um montículo, tendo como defesas exteriores uma paliçada e um fôss, mas não tardaram em empregar a pedra e as fortalezas aumentaram de tamanho. Em plena Idade Média um barão feudal possuía um castelo adequado à sua dignidade e ao seu po-

(Continua na página 19)



A sala nobre do castelo de Kenilworth, como devia ter sido no século XVI



**Questão familiar.** Ela teve um ataque nervoso. Excesso de trabalho. Depressão psicológica. Atirou-se para a rua como estava, mesmo descalça. O marido corta-lhe a fuga e acarinha-a, ressentindo, também, aquela angústia. O *shock* passou, e a vida recomeça, com as suas dores e as suas alegrias.

**N**EM todos os indivíduos sentem da mesma maneira a dor — ou melhor a sofrem. São numerosas e complexas as reacções que oferecem. Não é apenas o coeficiente de sensibilidade psíquica, ou de resistência física que entra em jogo. Influê, sobretudo, a cronologia e a natureza do acontecimento.

Se, para um caso previsto, como por exemplo, o soldado que entra em combate, a auto-defesa é normal, para um indivíduo surpreendido por um desastre, uma aflicção, uma perda irreparável, o seu abandono à dor representa-se em totalidade emotiva. Perde o controle. Todo o mecanismo moral com os seus conceitos mais rígidos ficam — como que dizer? — perturbados, desorientados, anulados.

Evidentemente, há seres de sensibilidade mais aguda, mais nervosa, que o mais pequeno choque traumatiza, por vezes, com profundas repercussões; e outros, os fortes, os calmos, logicistas da dor que lhe oferecem, despicientemente, um sorriso se não de audácia, pelo menos, de combate.

O mesmo indivíduo pode variar as suas sensações de sofrimento perante dois casos idênticos.

Quere-nos parecer, porém, que é mais fácil suportar a dor própria do que a alheia, quando ela envolve as raízes mais profundas do afecto sentimental. Não nos referimos ao sistema das paixões, mas, por exemplo, há angústia de uma mãe vendo o sofrimento de um filho.

Ela não hesitaria em substituir-se-lhe, ou mesmo de fazer o dom da existência para o salvar.

Por muito doloroso, por muito trágico que esse impossível fosse possível, ficaria satisfeita e até, passe o paradoxo, sentiria menos do que ele.

Mas pergunta-se: poder-se-á mensurar a dor?

A terrível estatuaría humana oferece-nos múltiplas expressões, mas nem a pintura, nem a escultura, apesar da eloquência dos seus processos, conseguiram jámais reproduzi-la inteiramente ou completar o seu processo.

Quando muito fixam um ponto de fuga desse movimento, mais ou menos profundo. O *Escravo*, de Miguel Angelo, o *Fusilamento*, de Goya, a *Barca de Dante*, de Delacroix são instantes do drama, mas não a sua totalidade. Há que examinar, pois, o sofrimento na vida e, sobretudo, senti-lo.

O agente surpresa, como dissemos, é dos mais categóricos. Dá-se na vítima como que uma explosão dos sentidos. A fisionomia torna-se vultuosa, tôdas as suas linhas se quebram e a alucinação como se estampa, irremovível, brutal, animal. A garganta enrouquece e a voz converte-se em grito, até mesmo uivo sinistro de fera.

E claro que, na dor, há várias escalas, a começar no sofrimento que pode ser, silenciosamente, resignativo, até ao terror que estaca os cabelos, imobiliza a pupila e paraliza os



membros. Esse terror denso, sombrio, misterioso, não é outra coisa afinal, senão a fatalidade do teatro grego. Nesse caso o mal do padecente não advém de elementos e circunstâncias do seu conhecimento, mas das forças poderosas, incoercíveis inabaláveis que Escylo ia buscar ao castigo dos deuses e aos elementos da Natureza, ainda por analisar ao tempo. Se a terra não tivesse o Sol a iluminá-la, a vida humana teria talvez ficado sufocada ao primeiro vagido. A treva caótica, vencê-la-ia pela angústia.

Outro problema se põe com frequência: é mais profunda a dor espiritual, ou a dor física? Difícil responder porque isso depende naturalmente, da idiosincrasia de quem a sente. Mas não se converterá em muitos casos a emoção metafísica, a inquietação criadora, o sentimento do amor em qualquer coisa de fisicamente sensível? Por outras palavras, e agora afirmando, tanto se morre do coração como duma fratura ou duma bala! Aliás, todos conhecem os efeitos psíquicos da dor, entre outros, o estado patológico da esquizofrenia e da repressão, muitas vezes até sem causas defendidas.

Como combater o sofrimento? As lágrimas são uma defesa espontânea do organismo. Assim como o sangue coagula numa ferida, impedindo um maior extravasamento, assim o pranto como que refrigera e aplaca a queimadura da emoção.

Seja como for, o homem tem que combater, ou pelo menos, aprender a dominar o sofrimento. O Cristianismo é a sua melhor defesa e o seu melhor resgate!

**Angústia infantil.** Uma verdadeira página de emoção, à Kipling. Era o seu amigo mais fiel e mais nobre. Cresceram juntos e brincavam nos jardins maravilhosos de ilusão. Na máscara da criança, ardente e convulsiva, reflecte-se toda a sua alma e toda a sua paixão.

# A DÔR



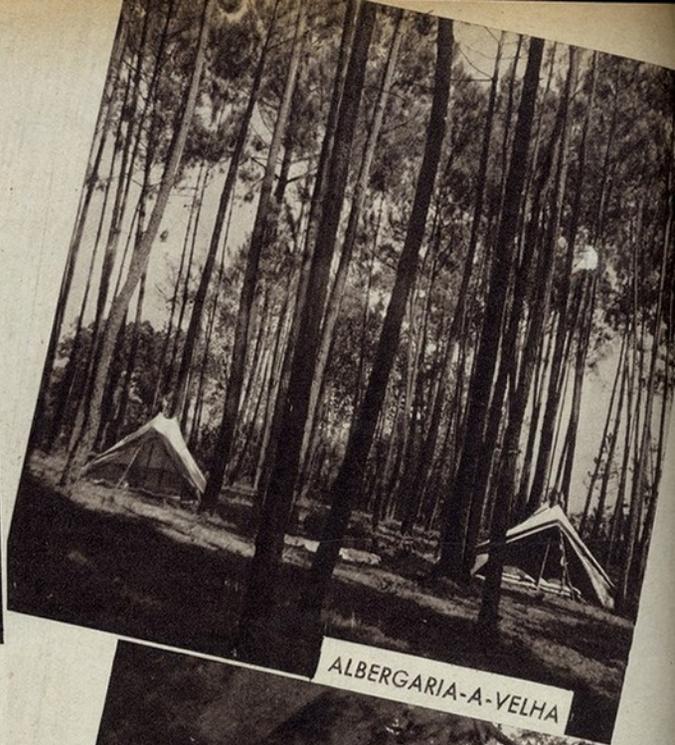
**Tragédias da guerra.** A impassibilidade das raças orientais está desmentida por esta fotografia viva, palpante. Ela chora os seus filhos mortos pelo invasor nipónico e a casa destruída. A dor como se concentra na boca e no frémito dos zigomáticos

**A dor maternal.** É a mais pungente de todas. O filho foi vítima de um acidente de trânsito. Daria a sua vida pela dele, mas agora tudo é inútil. A máscara trágica é empolgante de realidade. O sofrimento tortura-a até ao paroxismo da loucura.

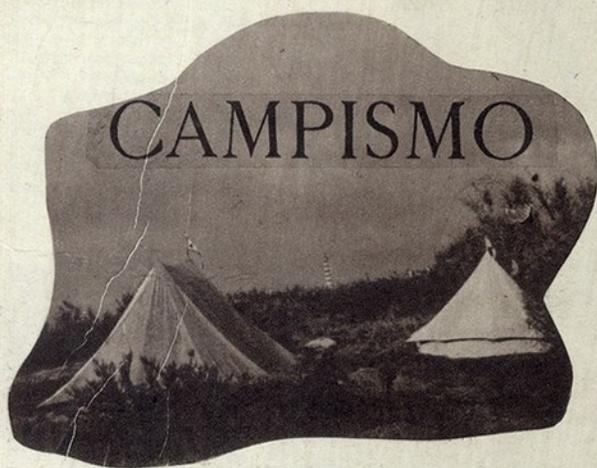




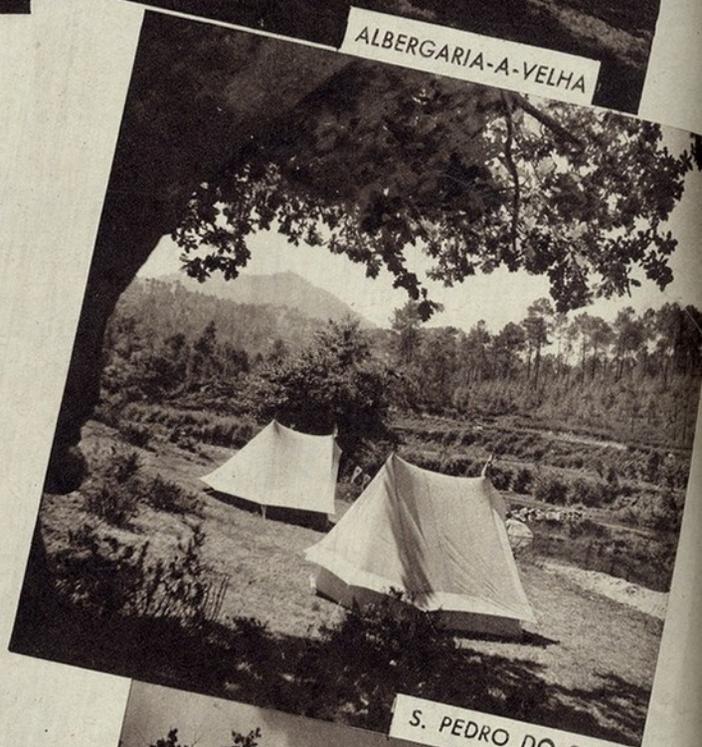
OLIVEIRA DE FRADES



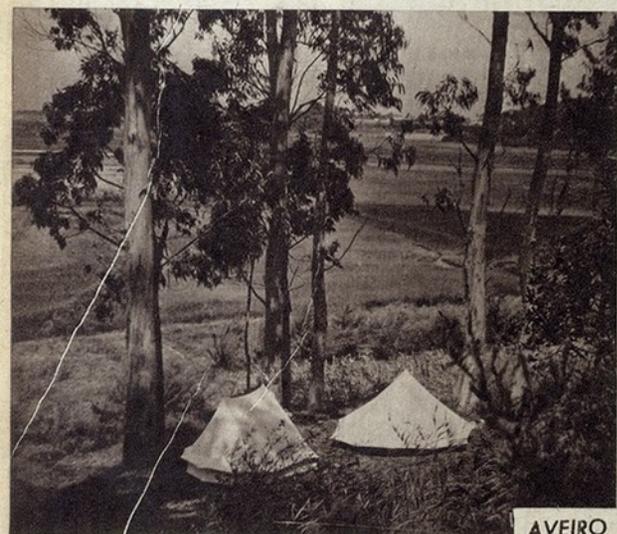
ALBERGARIA-A-VELHA



## CAMPISMO



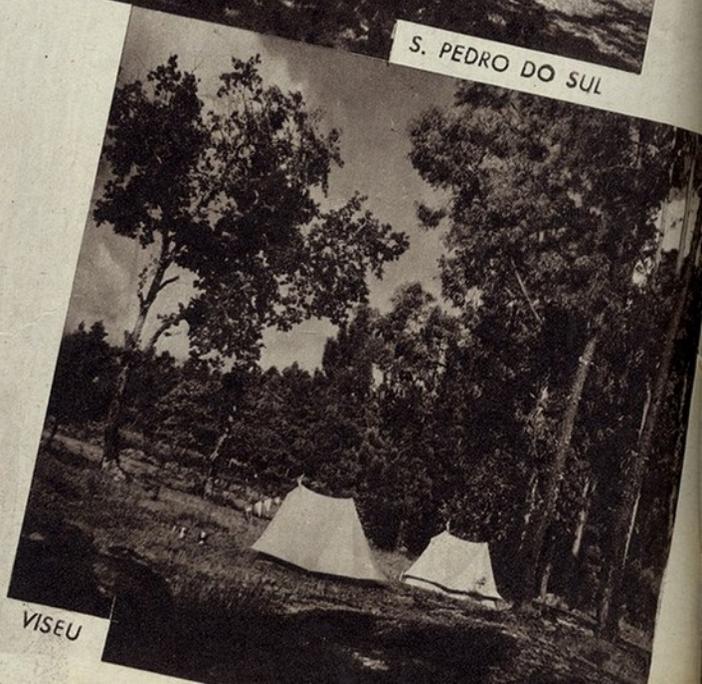
S. PEDRO DO SUL



AVEIRO

VIVENDO pelos seus próprios meios, em pleno contacto com a Natureza, ao ar puro e livre, respirando o ar fresco, sadio, perfumado das resinas, sentindo os benéficos raios do Sol e experimentando, na cara, a carícia violenta do vento, alguns componentes da activa «Caravana Campista de Lisboa», para comemorar a passagem do seu 3.º aniversário, efectuaram mais um grande acampamento-volante, percorrendo a linda e encantadora região do Vale do Vouga, com acampamentos em Aveiro, Eirol, Albergaria-a-Velha, Paradela, Oliveira de Frades (Souto de Lafões), Vouzela, Termas de S. Pedro do Sul e Viseu. Nesta página vêem-se alguns aspectos desses acampamentos.

(Fotos do amador Fernando Peretra)



VISEU



## A FANTASIA DA BRODWAY

A alegria estonteante das revistas americanas. Aqui está um cenário que os nossos palcos podiam imitar. Fez retumbante êxito, na Brodway, este número de fantasia digno de uma montagem colosso de Ziegfield

# O REAL CORPO DE ENGENHARIA

**D**ESDE tempos imemoriais o engenheiro tem formado parte essencial de toda a organização militar. O funcionamento dos antigos engenhos de guerra exigia uma habilidade muito superior à que possuía o soldado vulgar.

O «pai» do Real Corpo de Engenharia foi um tal Waldivus, engenheiro em chefe das forças de Guilherme, o Conquistador.

Quando o ilustre duque de Marlborough ganhava as suas celebres vitórias em Blenheim, Ramillies, Oudenarde e Malplaquet, os seus engenheiros eram comandados por Holcroft Blood, filho do notório coronel Blood, que tentou roubar as jóias da corôa da Tôrre de Londres. O general Sir Bindon Blood, que teve uma carreira militar muito distinta e serviu durante 80 anos no Real Corpo de Engenharia, era também descendente daquele atrevido coronel.

O Corpo foi formado como pequena unidade militar, em 1717, e expandiu-se com o tempo até adquirir as suas proporções enormes de hoje.

Foi em Gibraltar que se deram alguns dos primeiros feitos deste Corpo. Um dos seus componentes mais humildes, o sargento Henry Ince, ali se tornou célebre. Em 1782, durante o cerco da Rocha pelos franceses e



pelo major T. J. EDWARDS

espanhois, êle propôs ao governador um plano para fazer incidir o fogo destrutivo sobre o flanco do inimigo. Foi aprovado o plano e encarregado o sargento de executar o trabalho necessário, o que êle fez com muita perícia, e lá está até hoje.

Em recompensa dos serviços relevantes prestados por êste Corpo, foi-lhe concedido, em 1787, o título de «Reals». A conduta exemplar do Real Corpo de Engenheiros durante os grandes cercos da guerra peninsular foi muito louvada pelo duque de Wellington e outros comandantes em chefes teem prestado jus à sua habilidade, coragem, abnegação e firmeza em face do inimigo.

Pode citar-se o caso dos tenentes Home e Salkeld como exemplo do sacrifício e coragem dos homens do Real Corpo de Engenharia. Durante a revolta na Índia fizeram ir pelos ares a Porta de Cachemira, na cidade de Delhi, em pleno dia, sob uma saraivada terrível de balas dos rebeldes. Foram bem sucedidos na sua tarefa mas perderam a vida. Foi-lhes concedido a ambos, postumamente, a Vitória Cross.

No princípio deste século desenvolveu-se muito êste Corpo com a criação de companhias de companhia e de fortaleza, secções de aerostatos, ho-

(Continua na página 30)



O Real Corpo de Engenharia repara uma linha férrea durante a guerra Boer



Construção de uma estrada durante a marcha para Pretória



Construção de uma ponte sobre o canal, perto de Moeuvres, em 2 de Setembro de 1928



Exercício em data anterior a 1939



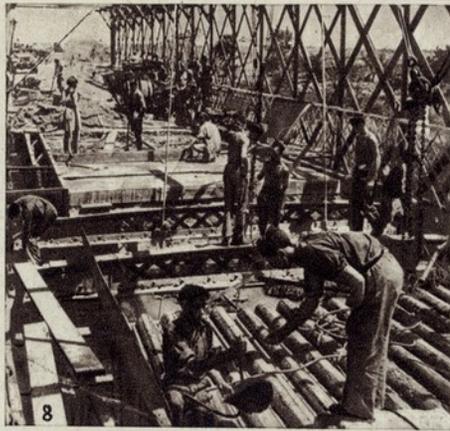
5) — Construção de uma ponte Bailey



6) — Um túnel na rocha, em Malta, para abrigos subterrâneos



7) — Melhoram-se as estradas de abastecimento na África do Norte



8) — Na Sicília, à frente do 8.º Exército, os sapadores reparam uma ponte destruída pelo inimigo



9) — A engenharia, à frente da infantaria, trabalha afanosamente para abrir uma estrada para os tanques



A larga-se uma estrada na Normandia em Junho de 1944



Restaura-se uma estação de caminho de ferro bombardeada pelos Aliados

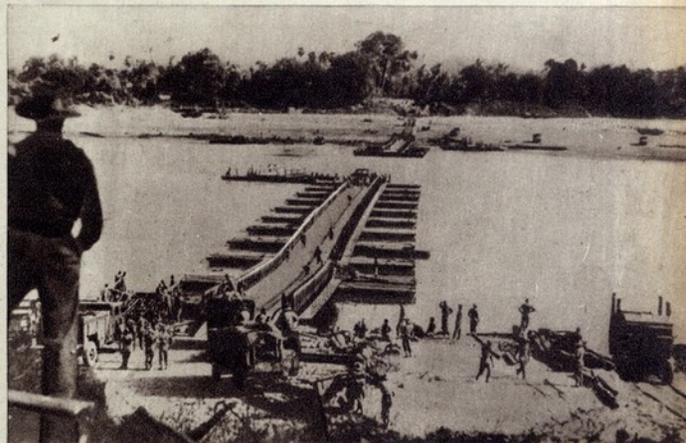


Os sapadores empregam cães para os auxiliar a descobrir minas terrestres numa linha férrea



Reconstrução de uma estrada, no fim da campanha da Birmânia

Construção da maior ponte Bailey, utilizada durante a guerra sobre o rio Chindwin. Tinha 329 metros de comprimento e o projecto respectivo completou-se muito antes das tropas chegarem ao rio Chindwin





O tigrezinho é atrevido! Ou terá adivinhado que as fauces terríveis do seu «irmão» mais velho são inofensivas?

# O CÃO E O TIGRE

**A** PANHARAM-NO ainda de mama, quando um tiro bem colocado entre os olhos da ferocíssima mãe o tornou um orfãozinho e fez dele um animal quase *civilizado*. Foi na selva asiática e o caçador levou-o para casa. Uma cadela alimentou-o com manifesto prejuízo dos seus irmãos de leite. Os cães não ficavam com alimento que chegasse para si e o tigre, *ainda menino*, teve de passar a comer sopas de leite, muitas sopas de leite. Mas ficaram todos amigos e a ferazinha *civilizada* tem, até, uma ternura especial pela mãe adoptiva, disputando-lhe as carícias e as brincadeiras. Também gosta dos irmãozitos de outra raça e não há diabrura que não lhe aturem. Aquela pele trigrina, com uma cabeça medonha, que o caçador tem na sua sala, está cheia de mordidelas — o tigrezinho é atrevido — e diríamos que ele odeia os da sua raça se não fôsse ainda... *inconsciente*.

Talvez haja uma lição a tirar entre esta amizade do tigre com os cães. E, daí, talvez não, porque são ainda pequeninos. Também se amam as crianças de todo o mundo e os homens é o que se tem visto. Mais valia que ficassem sempre crianças e não brincassem nunca com espingardas...



À hora do almoço. Cada qual tem muito respeito pela refeição do vizinho e não lhe toca nem com um dedo, ainda que fique com fome.

O tigrezinho aprendeu os deveres da boa camaradagem

São bons amigos. Parecem zangados, mas não há dúvida que são sapatadas de amor



## CASTELOS DA GRÃ-BRETANHA

(Continuação da página 11)

derio: construía uma residência majestosa ao abrigo dos muros exteriores de defesa onde se abria o portão, junto da casa da guarda, com uma ponte levadiça que se baixava para permitir a passagem por cima da água do fosso. O castelo de Bodiam, a poucas milhas da costa de Kent, é um dos exemplos mais pitorescos deste tipo; as suas muralhas erguem-se de um fosso até às ameias que ficam a 25 metros de altura e ainda mantêm uma dignidade inesquecível da sua plácida velhice.

O Castelo de Warwick ergue-se em pleno centro das verdes regiões rurais da Inglaterra. Primitivamente uma simples fortaleza, foi reconstruindo e acrescentando até se transformar numa residência senhoril dentro da protecção poderosa de uma praça forte. Na ilha de Wight existe um edifício quasi tão magnifico como este — é o castelo de Carisbrooke, que muita gente considera a ruína mais encantadora de toda a Inglaterra, com as suas inúmeras recordações e reliquias dos outros tempos e a vista soberba que se disfruta do alto da sua torre de menagem, de estilo normando. Foi dentro desses muros que o infeliz rei Carlos I da Inglaterra esteve prêsso durante aquêles últimos dias que terminaram no cadafalso.

Ergue-se em situação muito diferente o castelo de Bamburgh, isolado num ponto ermo da costa nordeste da Inglaterra, sentinela solitária que vigiou durante perto de oito séculos aquela costa rude, ao som das ondas do Mar do Norte a reventar em baixo nas praias, outrora centro irradiante do cristianismo no norte da Bretanha.

Passemos da costa leste, por contraste, para a costa oeste do País de Gales, que é também terra de grandes castelos. Carnarvon é hoje uma das ruínas mais impressionantes que existem no país e naquela fortaleza, sobranceira à cidade e aos cais do porto, nasceu o filho do rei Eduardo I da Inglaterra que, em 1301, foi apresentado por seu pai ao povo como o primeiro Príncipe de Gales.

Outra residência real, desta vez escocesa, foi o castelo de Stirling, uma das moradas predilectas dos reis da casa Stuart. Construído sobre um penhasco dominante, era conhecido como «o baluarte do norte» porque guardava o país através do qual os exércitos invasores tinham que passar entre o sul e o norte da Escócia. Aquela rainha formosa e desditosa, Mary Stuart, foi ali coroada quando tinha apenas nove meses de idade e voltou para Stirling muita vez nos dias do seu triunfo. A semelhança do palácio de Holyroodhouse, em Edimburgo, o castelo de Stirling está impregnado da sua memória.

Nos seus últimos anos, quando o desespero já lhe confrangia o coração, Mary Stuart viveu como prisioneira em muita fortaleza antiga. Quando fugitiva na Inglaterra, es-

(Continua na página 28)

O Pensador — símbolo eterno da vida.

Nesta figura humana, que o génio de Rodin immortalizou, há um milénario alvorecer da Idéia.

Foi num ser quasi primário, que surgiu o clarão da inteligência. E esse luz tornou o Homem igual a Deus.



# ISTO É PARIS



Os negros de Harlem, incorporados no Exército americano, ensinam as parisienses a dançar as últimas criações frenéticas do «jazz»



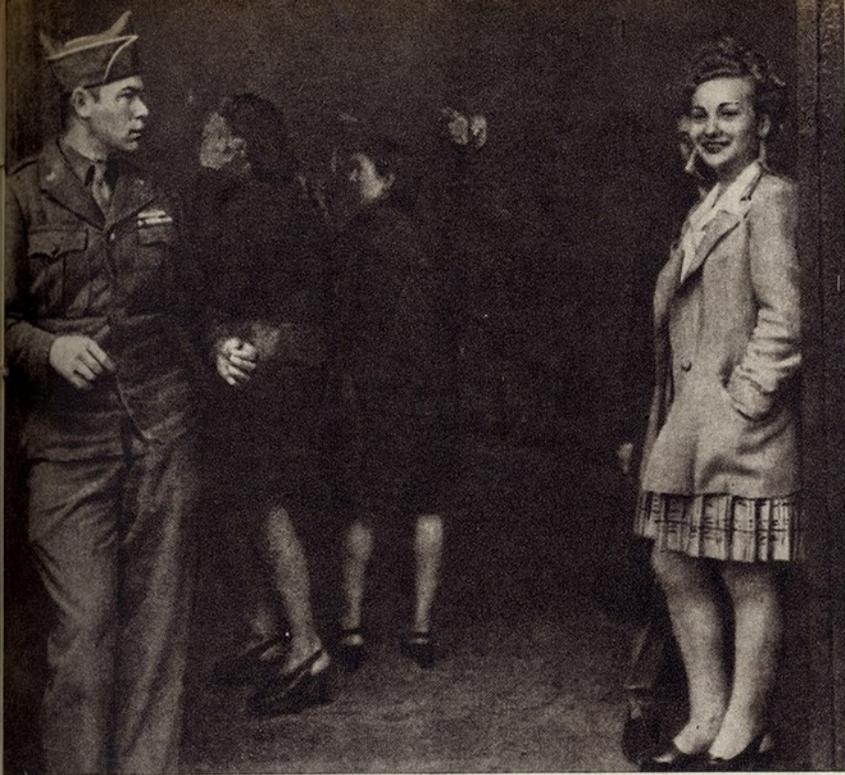
A Polícia parisiense tem, agora, mais que fazer. Não raro é necessário, em plena rua, examinar os documentos de quem não parece francês



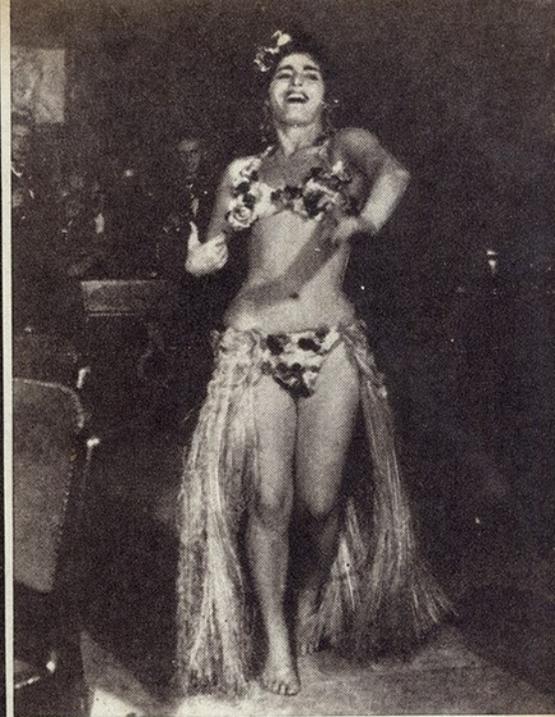
Já podem sair... e já podem beijar. A noite do Ano Novo, na capital da França, teve, outra vez, a alegria enorme dos tempos de antes da guerra



Os soldados da América gostam dos mais pitorescos bairros parisienses. Elas andam, desportivamente, de calças



Ela sorri ao fotógrafo. E o soldado «yankee» gosta do sorriso dela



Num «Night-Club» de Montmartre. É uma beleza rara dos trópicos, num samba voluptuoso

É natural que Paris tenha hoje uma fisionomia diferente da que tinha antes da guerra. Há ainda vestígios de ruínas dos tempos que os teutônicos por lá andaram a calcar, a espantificar o que era belo e tinha tradição de espírito. Nem todos os lares serão, nas noites frias de Inverno, convidativos. Faltam comodidades e rareiam também os olhos alegres das parisienses — que de tanto sofrer se tornaram melancólicos. Mas, cremos, essa melancolia é transitória. A França é um País de alegria — pátria do sorriso e da liberdade. E estas duas forças espirituais são imerrodóias; principalmente num povo em cuja história há mais graça do que graves sentenças.

Estará hoje Paris mais triste do que foi? E' de crer.

Há, porém, nas «toilettes» das senhoras mais reservado encanto; as «midinettes» parecem mais saltitantes; os tipos inconfundíveis dos «boulevards» continuam imprimindo à vida da grande urbe o seu característico traço gaulês.

Paris revive. Que importa que ela se erga sobre as dores passadas? A cidade-Luz, não pode amortecer o seu brilho — sem êle o mundo ficaria às escuras...

Soldados, ingleses e americanos, como crianças grandes, passeiam pelas ruas «brás-dessous-brás-dessus», com as graciosas raparigas que, por momentos, lhes fazem acreditar na eternidade do Paraíso.

Nos «dancings» os pares enlaçam-se no rodopiar de uma dança inspirada em Honolulu; soldados negros trazem na pele os ardores de escaldantes climas; um jovem escocês de côr rosada como a de um rosto de criança, canta uma canção melancólica que evoca os grandes lagos prateados da sua poética Escócia.

Paris que, aliás, sempre teve mil faces exteriores, parece agora diferente. Menos alegre? Talvez. Mas isso que importa? Paris foi sempre o sonho dos homens de outras terras.

Foi da França, de tôdas as suas cidades — Marselha, Lyon, Paris, cidades de arte, de ideias, de beleza, que veio aquêlo sopro de liberdade que inundou o Mundo.

Paris é a única cidade que sabe pensar e sorrir. Sem isto é difícil compreender-se a existência. Pois é, ainda Paris de hoje que esquece por momentos, tantas angustiosas horas de sacrifício, que ressurge bela, sorprendente, acolhedora — a sorrir confiante no Porvir.



Dir-se-ia o cenário de um filme de René Clair. É Montmartre, sem tirar nem pôr, com soldados americanos que talvez não tivessem julgado, antes da guerra, ver o famoso bairro parisiense



Uma dança popular, cheia de dinamismo, ao som das guitarras Zingeras

# EUROPA E ÁSIA



Nas montanhas de Oirofá, na Mangólia, os guardadores de cavalos lembram os cow-boys americanos, tão hábeis como eles no lançamento do laço

A Europa tem um folclore riquíssimo de variedade e de pitoresco. Esta Europa civilizada, que se habituara a vestir por Paris e por Londres, estandardizando o traje feminino e masculino, esta Europa que parecia, à primeira vista, uniforme na aparência exterior com essa tendência para americanizar-se na excentricidade de muitas manifestações de arte, em que a música tinha lugar de relêvo, conserva ainda, religiosamente, velhos costumes que a tornam, ainda, inconfundível, quando a percorremos de lés-a-lés e esquadrihamos os recantos onde não chegaram ainda estas influências.

Essa riquíssima variedade folclórica começa aqui, em Portugal, à beira Atlântico, desde o Minho ao Algarve, com tóda a graça do colorido do traje feminino, as canções populares, desde o vira ao corridinho. Depois, Europa adiante, em cada vale e em cada montanha, encontram-se novos motivos de sugestão integrados nas características dos lugares e das próprias raças. São, aliás, os atributos rítmicos que definem os lugares, com seus usos variados.

Saltando por cima dos Urais e penetrando na Ásia, são diferentes os homens na miscelânea policroma dos seus costumes. Assim, até ao Extremo Oriente, onde a China, com todo o seu mistério, exerce extraordinária fascinação sobre o ocidental, ávido de



Pequeninos georgianos, num bailado típico, com seus trajos regionais

outras civilizações, percorre-se, como num filme de rara beleza pictural, tôda a gama de valores fundamentais das raças que atrimam este velho e velhíssimo continente.

A civilização dos grandes centros urbanos não atingiu, na sua beleza profunda, tôda a riqueza plástica da vida do trabalhador da montanha e do litoral. Nada consegue arrancar as gentes às milenárias atitudes exteriores da vida. A todos se poderia aplicar aquele ditado tão português: «Cada terra com seu uso».

E são, precisamente, os usos diferentes que se topam: mal se escala um monte e se desce para o outro lado, que dão encanto especial ao viajante rebuscador de novos motivos de beleza.

Se assim não fôsse o que havia de ser da arte? Onde iria ela encontrar os seus motivos mais ricos?

A desnaturalização das gentes — digamos assim — é um dos grandes pecados das cidades. Elas são tôdas iguais — iguaisinhas — sem características próprias, copeando-se umas às outras — em tudo. Na aldeia, da montanha ou da baira-mar, os hábitos vencem os séculos e permanecem intactos nas suas virtudes.



No Usbekistan. São dois mineiros característicos, que se despedem à hora da sesta



Numa escola de crianças, há uma orquestra de instrumentos de corda. Cada qual poderá a vir a ser um grande músico



Numa aldeia da Lituania, durante um serviço religioso. No traje das mulheres predominam as rendas brancas

# PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



## O VELUDO RESSUSCITA

E já não é sem tempo, visto que amacia a pele, prende reflexos, cria nobre drapeado, dá certo calor ao olhar.

Nos chapéus, casa-se lindamente com *parodis* e *agrettes*, nos vestidos, tanto pode ser ligeiro, na desprentenciosa bombazina como magnificante no cristal ou no *duchesse* — veludo de rainhas. E que há de mais belo para uma saída de baile do que um manto de veludo rôxo orlado a raposas platinadas, descendo até a espessa passadeira de Smirna?

O *côtelé* utiliza-se, principalmente, para sala-e-casaco desportivo, nos seguintes tons: ferrugem, cinzento, *grège*. O liso para vestidos de tarde, em azul-noite, verde-musgo e preto. E nos chapéus pequeninos, os *béguins* enfeitados a tufo de plumas; nas capotas com fitas ou véus atando sob o queixo; nos regalos com bonés *assortis*, orlados a astracá e em plena linha russa do tempo dos czares. Para a evocação ser verdadeira, nem o raminho de violetas falta.

De resto, o chapéu pequeno é que está triunfando. Ou «caixa de amêndoas» ou «page-hat», ou «bonnichon de minoches» ou «boina Montgomery, ou «toque» de pele. E como nos tentam e encontram depois de tanto monstro que, na passada estação, se usou!

Pedacinho de Paris na cintilação de um vestido de baile como ela tinha em «Mensonges» todo em veludo carmezim — como 1900 renasce e nos seduz!...

## MAQUILHAGEM DE HOJE

Antigamente, era uma boneca com duas rosetas nas faces, os olhos cercados de negro, a boca em forma de coração e as pálpebras engorduradas.

A maquilhagem é, hoje, mais simples. Pouco ou nenhum *rouge* nas faces, olhos sem nada ou só com um bocadinho de *rimmel* para tornar as pestanas visíveis, nenhuma sombra nas pálpebras, menos durante o dia.

O *báton* é que não se põe de parte — desempenha o primeiro papel na maquilhagem moderna. Acentua o recorte da boca bonita, torna-a maior se fôr pequena, alarga-a quando é estreita, deminui-a se fôr preciso. Usar um *báton* de belo colorido e com brilho. Vermelho claro para as louras, vermelho escuro para as morenas.

O verniz das unhas pode ser de côr berrante se as mãos fôrem bonitas; agora, se fôrem feias... para que hão-de chamar a atenção?

## ALGUNS SEGRÊDOS:

★ Depois de ter aplicado o rimel com a escovinha, passe uma escôva enxuta, afim de bem separar as pestanas.

★ Se o *báton* fôr sêco, unte por cima com um pouco de vaselina. Pinte também a parte interior dos lábios, pois é feio, ao rir-se, mostrar uma linha descolorida.

**BORDADOS E ALTA COSTURA**

INVERNO 1945/46

Rua dos Sapateiros, 139-3.º U.º — Telefone 2 3754  
L I S B O A



Um chapéu elegantíssimo, para a noite, que tem o inconveniente, apenas, de, no teatro ou no cinema, não deixar ver quem está na fila de trás



# Teodoro



Apresenta a mais rica coleção de peles importadas, directamente, dos países de origem, a preços sem competêncianos seus estabelecimentos

RUA DO CARMO, 29-30  
RUA DA PALMA, 117-121

TELEFONE P. B. X.  
2 0 7 8 4

L I S B O A

# FOTO-CRIME

## O ROUBO DAS ESMERALDAS



NO decurso das investigações para descoberta das famosas esmeraldas de Mr. Roach, o inspector Cobbe inquiriu o queixoso.

— Além da minha secretária, esta senhora, só os meus dois empregados, Pike e Carp, sabiam da existência das pedras cá em casa. Jantaram ontem comigo e convenceram-me a mostrar as jóias. Durante a noite entrou alguém no meu quarto de cama... Deu-me uma forte pancada na cabeça, levou as chaves e roubou o cofrezinho onde estavam as esmeraldas. Paula, a secretária, declarou:— Quando entrei esta manhã no gabinete de Mr. Roach vi o cofre aberto. Subi as escadas e entrei no quarto. Encontrei Mr. Roach inanimado. Imediatamente telefonei ao meu médico assistente.



APÓS outras pesquisas, o inspector Cobbs constatou que Paula vivia na casa de Mr. Roach; que os dois empregados eram rapazolas novos, qualquer deles incapaz de fazer mal a uma mosca. As esmeraldas não estavam no seguro o que tornava o seu prejuízo maior. Pike (o de óculos) e Carp viviam em quartos alugados na cidade. Não apresentavam alibi. O inspector, por precaução, mandou que os vigiassem.



PASSADOS quinze dias o roubo mantinha-se no mesmo mistério. Uma tarde, Mr. Roach, passeando pelo jardim, encontrou, vazio, num dos recantos mais afastados, o cofrezinho de ferro onde outrora haviam estado as esmeraldas. Chamado o inspector, este levantou cuidadosamente o cofre que era pesado, observou a caixa de fósforos que estava próximo e reparou na relva verde que por se encontrar o cofre aberto, se insinuara pelo interstício da tampa. Estava descoberta a pista.

**QUAL ERA ELA?**

(Ver a solução na página 30)

## DE BOA VONTADE

(Continuação da página 2)

Serviços Voluntários Femininos e as autoridades administrativas locais foram também convocadas a colaborar.

Durante as férias as crianças apresentavam-se nas escolas, vindas das suas casas adoptivas, à hora habitual, isto é, às nove da manhã. Ajudavam as professoras na limpeza e arrumação da escola — o serviço doméstico desapareceu quase por completo nas áreas campestres da Grã-Bretanha — e seguiam uma rotina fixa de jogos, passeios, exercícios físicos, trabalhos manuais e outras coizas semelhantes. Às crianças mais novas dava-se gratuitamente, logo à chegada óleo de fígado de bacalhau e sumo de laranja, e a todas elas sem distinção era fornecido diariamente, durante todo o ano, cerca de 3 decilitros de leite.

### Uma ideia delicada

Representa uma ideia delicada o facto de não se pedir a criança nenhuma que auxiliasse na limpeza e na arrumação das escolas sem que primeiro se obtivesse da sua mãe a licença necessária. Outro traço caracteristicamente inglês é o tapete de borracha que as autoridades bondosamente forneciam a cada criança para os exercícios físicos ao ar livre, tapete pequeno mas necessário neste clima úmido.

A refeição do meio-dia tomava-se ou na escola, se esta possuísse cantina, ou no Restaurante Britânico mais próximo onde as crianças eram acompanhadas pelos seus professores ou auxiliares voluntários. O custo máximo da refeição era de 5 dinheiros (Esc. £500) e era pago pelos pais adoptivos da mesada que lhes era concedida pelo governo para alojamento das crianças.

Em tempo de férias as crianças passavam a tarde a brincar ao ar livre, em passeios e excursões ou a nadar até às 4 horas, quando voltavam para casa de seus pais adoptivos.

Num dos planos de evacuação incorporaram-se algumas crianças muito novas, de apenas 3 anos de idade. Estas iam para a escola juntamente com as de 5 mas, depois da refeição do meio-dia, dormiam uma hora na sala de repouso e as suas ocupações eram jogos para educação dos sentidos do ouvido e do tacto, formavam bandas de música com instrumentos de percussão adaptados à sua idade, e tinham jogos de lavagem, nos quais aprendiam a lavar-se a si próprias e a grandes bonecas de borracha, tudo durante as horas escolares. À tarde viam-se grupos destes pequeninos acompanhados dos seus auxiliares a dispersar-se pelos campos no seu passinho vacilante.

O Serviço Voluntário Feminino foi frequentemente chamado a prestar auxílio às crianças evacuadas. Uma das ideias mais felizes que tiveram para entreter as crianças durante as férias foi a de as encarregar de apanhar e colic-

(Continua na página 29)



*Dentes com saúde*

## “Casa da Malta” de Fernando Namora

**N**OVELA chama o autor ao volume recentemente publicado a que deu o título de «Casa da Malta». Não v. le a pena estabelecer discordância entre o que é o romance e o que deve ser a novela — aliás, a designação tem, sido, já suficientemente debatida sem que, todavia, se haja chegado a uma finalidade conclusiva.

Neste livro, «Casa da Malta», que Fernando Namora subscreeve, a indecisão designativa permanece — quanto a nós.

Podia o escritor chamar-lhe romance, como novela, ou ainda quadros descritivos ligeiramente ligados entre si que nem por isso o espírito da obra viria o ressaltar-se da designação.

Pondo, porém, de parte tais «maneiras» literárias, que são coisas de somenos, e podem ser até, injustamente, julgados por caturrice, ocorre-nos, no entanto, dizer que a obra de Fernando Namora, parecemos, sofrer qualquer imprecisão na sua textura.

Cremos, com efeito, que as admiráveis virtudes literárias do escritor se evidenciam mais claramente se a feição um tanto obscura a que acima eludramos fosse menos perceptível.

Fernando Namora é um escritor da moderna geração — temos lido. E cremos que o é. Mas, como tal, nem sempre aceitará a designação que lhe atribuem.

As designações literárias obedecem, muitas vezes, a modos ou a satisfação de envaldecimentos; e não se perderia nada se fossem postos definitivamente de parte. Não ouviamos amide estas frases mais ou menos entendidas: «a geração que passou!...» «A nossa geração...» «a geração nova!...» etc. Até porque as pobres gerações nada têm com o que os homens fazem — de bom ou de mau.

Estas ligeiras mas, supomos, indispensáveis considerações, esboçamo-las por consideração pelo nome do autor. E este facto permite-nos considerar «Casa da Malta», de Fernando Namora, como uma valiosa obra, vibrante e humana, orientada por um elevado pensamento.

## Revista “Turismo”

**O** último número da revista «Turismo» é dedicado ao Alentejo. Pode considerar-se este exemplar consagrado às suas belezas monumentais, ao seu progresso, aos seus artistas e às suas iniciativas, como o melhor documentário iconográfico e artístico da capital da rica província alentejana.

Julão Quatinha, chefe de Redacção da interessante revista, continua a imprimir a «Turismo», e seu gosto artístico e a sua demonstrada competência de jornalista.

## Dois revolucionários da pintura

**P**ICASSO e Matisse são dois estranhos artistas pintores que, não obstante serem já da nossa época ainda provocam assombro e discordâncias entre os críticos plásticos quando esses artistas expõem as suas telas em qualquer capital europeia.

O que ainda não se conseguiu foi chegar a acôrdo sobre determinados temas e maneiras dos discutidos artistas.

São tão diversas as opiniões críticas que, quasi sempre, servem para o triunfo dos criticados. É o que concluímos do efeito produzido ultimamente na última exposição de pintura realizada em Londres.

# ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

## “Descoberta”

de João José Cochofel

**A**O lermos as primeiras linhas da «Advertência» que o autor estampa no principio do seu livrinho, estivemos tentados a pôr de parte a leitura por em nada servir ao nosso comentário de registro.

Diz o autor da «Descoberta»: «Torna-se, a meu ver, necessário justificar esta prematura compilação de uma obra de juventude, pequena em valor e em extensão». E, em seguida, faz considerações de ordem pessoal e artística.

Não seremos nós que levemos a mal o próprio autor por nos vir contrar o que julga ser imprescindível para o entendimento da obra. Claro que para quem considera a obra sob o louvável carinho que se pode ter por um livro de versos, a crítica não tem que intervir.

Não será, proporcionante, o caso presente — mas, como dizia o outro, leva-lhe as mesmas voltas.

Quando o poeta se encerra num mundo impenetravelmente cabalístico a crítica pode ver-se em apuros para saber o que existe de belo, de doloroso, de pensamento, de amor ou ódio nas congeminações poéticas. A transcrição de muitos dos versos do sr. João José Cochofel ajudar-nos-ia a demonstrar, sem reftutação que a sua poesia está mais próxima da profecia bandarresca do que dos clarões criadores e imaginativos de um Byron, de um Verlaine, de um Antero.

Pode ser que o sr. Cochofel pense o contrário. Mas nós, amigos da liberdade individual, achamos que ele tem o direito de discordar.

## UM HERÓI APOSENTADO

**Q**UEM se der ao incensivo entretenimento de passar a vista pelos jornais encontrará sempre meia dúzia de linhas em que se relatam factos que podem sugerir ao leitor descuidado a necessidade de sobre eles considerar.

É certo que uma página de jornal contém muito de vulgar. A tal ponto os casos nos parecem banais que, dir-se-ia, em várias circunstâncias, ser o leitor o próprio intérprete das notícias que lê: falam-nos de desastres, de misérias, de injustiças, de fatalidades e até de falsas venturas. Podem, portanto, ser incluídas na designação de banalidades. Porque não há ninguém que não tenha sofrido um desgosto ou não haja sonhado com grandes promettimentos de bem-estar.

Contudo, há casos que, pela sua raridade, nos surpreendem. Acabamos de ler neste momento uma notícia surpreendente que provyocou em nós não sabemos bem se tristeza se revolta. É assim no seu sucinto relato: Um homem (perdão, um carrasco). Não sabemos a que escala zoológica pertence um carrasco). Pois, como iamos a dizer, o tal individuo cuja missão era a de matar por conta alheia, ao abrigo da lei, serenamente, friamente, como quem cumpre, com orgulho, um belo acto generoso; depois de executar a última vítima, mereceu a graça de ser aposentado. Esta é: irá para casa, com setenta e seis anos, com uma invejável quantia que de certo lhe permitirá acabar em sossego o resto da velhice, depois de haver enforcado durante algumas dezenas de anos muitos seres humanos que nem sequer conhecia.

Foi esse acontecimento que, aliás, não é de todos os dias nos sugeriu tão desassidas considerações: Um homem mata o seu semelhante, clinicamente, obedientemente, por dever de officio. Mas nem por isso é, perante as leis, considerado criminoso. Tampouco é tido como individuo nocivo, monstruoso, à margem desta pobre humanidade que sofre, erra e que também é, às vezes, piedosa. O carrasco terá ao fim da vida uma invejável situação material e talvez honrarias officiais. Mais: tem direitos sobre a vida depois de haver destruído muitas vidas.

Há, infelizmente, uma justiça que sendo a negação do que é humano se torna conveniente oficializar e enaltecer — para satisfação das caridosas pessoas amigas da ordem.

## Lagerlöf e Pirandello

**A** Editorial Mincerva acaba de lançar no mercado dois livros que pelos nomes literários que os subscreevem e espírito de beleza que encerram são, de facto, merecedores de referência especial.

São essas obras: «A lenda de Gösta Berling» e «Mulher bonita», de Pirandello. A extraordinária romanista sueca, laureada do prémio Nobel, é já conhecida através de algumas versões de obras suas para a nossa língua. Não o é, porém, completamente. Esta admirável lenda de Gösta Berling ainda não havia sido traduzida para português.

Pirandello, contudo, é mais discutido como dramaturgo do que propriamente como romanista. Se o seu teatro se tornou motivo de admiração nos meios intelectuais inovadores, as suas outras expressões literárias, como a novela e o romance, cremos, não eram da familiaridade do nosso público leitor.

O registro de estas duas obras ficaria incompleto se deixássemos de mencionar que as traduções são de dois jornalistas: Salvador S. Boia que traduziu Selma Lagerlöf e que, infelizmente, já não viu impresso o seu trabalho, e Castelo de Morais que verteu brilhantemente para português o romance do grande romanista italiano.



Uma das últimas fotografias de Hitler quando os aliados já estavam ás portas de Berlim

# CASTELOS DA GRÃ-BRETANHA

(Continuação da página 19)

teve no castelo de Bolton, que ainda está muito bem conservado. Pertenceu este, durante séculos, a uma família cujo dever hereditário era manter a paz nas terras fronteiriças. Durante seis longos meses a rainha da Escócia esteve all presa, para nunca mais voltar ao seu reino e para terminar os seus dias no cadafalso, no castelo de Fotheringhay.

Perto de um traço rochoso da costa de Dorset, ergue-se tudo quanto resta do castelo de Corfe. Muitas são as histórias que se contam a respeito desta alta mas desmantelada ruína. A sua hora mais gloriosa talvez fosse aquela em que a sua castelã, Lady Bankes, defendeu Corfe com um punhado de homens contra tropas de Oliver Cromwell, esse guerreiro valoroso do século XVII que durante mais de um decénio governou os destinos da Inglaterra. Durante seis semanas combateu-se continuamente mas foi só três anos mais tarde que o castelo foi tomado por meio de um ardil. Foram para ali trazidos 50 homens como recrutas para a guarnição do castelo mas eram soldados de Cromwell, disfarçados, e por isso Corfe foi tomado.

Poucas fortalezas têm mais lendas do que a de Ludlow, a que já chamaram «a rainha de todas as fortalezas das terras de Oeste». Datando do sé-

culo XII, foi a residência daqueles senhores que mantinham a paz do rei nas terras bravias que se estendem ao longo da fronteira entre a Inglaterra e o País de Gales. Há algo de eterno no aspecto daquelas grandes muralhas de Ludlow, que se erguem altas e no topo de uma colina em cujo sopé se juntam dois rios que lhes davam a protecção de um fosso. Das histórias que se contam sobre coisas passadas dentro e em volta dessas muralhas talvez a mais romântica seja a de Marion de la Bruère.

Marion, a pupila do barão de Ludlow, apaixonou-se por um homem que estava preso no castelo pelos seus actos de rebeldia. O namoro com Arnold de Lys começou quando a rapariga teve licença para lhe levar de comer à cela, e ela ajudou-o a fugir. Algum tempo depois, quando o barão estava ausente com a maior parte dos seus soldados, a rapariga mandou recado ao seu namorado e Arnold não só veio vê-la como elle e os seus companheiros tomaram o castelo de Ludlow, vencendo a diminuta guarnição que o barão deixara a defendê-la. Marion encheu-se de remorsos e, quando viu que Arnold e os seus amigos não faziam a menor intenção de retirar-se, ela matou-o cravando-lhe no coração a sua própria espada. Segundo reza a história, no seu desespero deu cabo de si, atirando-se do alto dos muros do castelo.

Durante séculos, depois do tempo de Marion, Ludlow foi o castelo mais importante de todas as terras do Oeste. Como sede do governo real do País de Gales, continua o tribunal onde se administrava a justiça para todo o principado. Para os estudantes de literatura inglesa a sua associação mais interessante é com o grande poeta John Milton cuja fantasia «Comus» foi representada pela primeira vez na sala do Conselho, na véspera do dia de S. Miguel do ano 1634, perante numeroso auditório. Os versos majestosos desse poema dramático nunca foram certamente recitados num cenário mais cheio de dignidade e de esplendor. Quanto ao próprio castelo de Ludlow, porém, o pano não tardou a cair. Com o advento de Oliver Cromwell minguou a sua importância.

É triste o declínio destas praças fortes outrora tão poderosas. Tiveram os seus séculos de grandeza e, as suas horas dramáticas e românticas, mas veio o tempo em que se estabeleceu a paz no interior das praças da Grã-Bretanha e, com ela, foi-se a necessidade dos castelos-fortalezas. Constituem hoje parte da história da Grã-Bretanha no escrita no granito, encantando a imaginação e lembrando-nos a sumptuosidade colorido de eras passadas.

## ESTOMAGO ACIDO?

Não é muito bom sinal!  
Mas se tomar duas Rennies  
Vai-se embora todo o mal!



UMA DOR

Quando se sentir roído pela acidez do estômago não precisará de misturar um remédio na água. Precisar, sim, de qual quer coisa mais rápida e melhor. Precisar de Rennie.

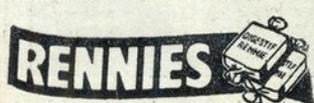
As Rennies são embrulhadas, separadamente para as poder trazer sempre consigo esteja onde estiver. Poderá tomar duas assim que o seu estômago der sinal de existir. Basta chupar uma de cada vez, como se fossem rebuçados. Dentro de dois minutos, o excesso de ácido terá sido neutralizado. A sua indigestão terá desaparecido! As dores foram-se. O estômago sentiu-se reconfortado. O apetite volta.

Rennie compõe-se de 15 ingredientes que auxiliam a digestão e neutralizam, rapidamente, o excesso de ácido.

Compre um pacote de Rennie ainda hoje, na sua farmácia. Leve consigo algumas, na algibeira do colete ou na malinha de mão.



UM SORRISO





## OATINE

Os célebres cremes ingleses—OATINE SNOW, e OATINE CREAM — de fama Mundial, que restauram e mantêm o encanto juvenil da pele

*Outros produtos OATINE*

Perfumes — Shangri Bouquet  
Sabonetes — Lavender Water e Eau de Cologne  
Pó d'Arroz  
Creme de BARBEAR, com e SEM PINE  
Loção para DEPOIS de barbear, etc.

A' venda nas  
boas casas

**OS CÉLEBRES CREMES  
INGLÊSES**



## REFLEXOS DO MUNDO

### A perfeita cerveja britânica

Graças à cooperação dos cientistas da Universidade de Birmingham e das fábricas de cerveja da Grã-Bretanha, está-se agora fazendo uma cerveja que nunca azeda ou se faz velha. O processo de fabricação aumenta a pureza da cerveja e elimina a deterioração na passagem dos cascos dos armazéns subterrâneos para as bombas da cervejaria. Uma máquina especial faz despejar as medidas inglesas de um «pint» ou meio «pint» com toda a precisão. (1 pint = 0,567 litro).

### Duas semanas de férias pagas

Numa reunião recente da União Nacional dos Ferroviários da Grã-tanha foi anunciado que os trabalhadores dos caminhos de ferro, na base de um acordo com os seus patrões, terão no futuro duas semanas de férias pagas. Este acordo entrará em vigor para os empregados dos transportes logo que terminar o actual período de guerra dos caminhos de ferro. Já está em vigor para o pessoal inspector e administrativo.

Ao mesmo tempo, na Assembleia geral anual da União Nacional de Marinheiros, em Londres, foi anunciada a construção de uma casa de saúde para convalescentes e de um «Lar» para os velhos para uso de todos os marinheiros da marinha mercante britânica. A casa para convalescentes onde se dá um curso de instrução para marinheiros inválidos,

está situada numa propriedade de cerca de 100 gheiras de terra próxima da povoação de Alford, condado de Surrey, estando a ser construída uma aldeia em miniatura, para servir de exemplo para outros «Lares» para velhos e convalescentes.

### A salubridade nas Fábricas da Grã-Bretanha

Vão utilizar-se, na Grã-Bretanha, as experiências do tempo de guerra para eliminar os maus efeitos dos processos fabric na saúde dos operários. Na inauguração de uma exposição de trabalhos dos Estudantes de Arquitectura de Londres, o sr. Percy E. Thomas, presidente do Real Instituto de Arquitectos Britânicos accenou que no principio da guerra tinham sido construídas algumas das fábricas mais saudáveis e mais modernas da Grã-Bretanha. Disse o sr. Thomas que as experiências de guerra ofereciam um vasto e salutar campo de actividade para os campos de actividade para os architectos contribuíram materialmente para promover a hygiene das fábricas.

Na grande centro industrial britânico de Birmingham, muitas fábricas estavam equipadas com uma instalação eficiente para eliminar os perigos da poeira, cuja introdução tinha dado os melhores resultados possíveis. Grandes canalizações aspiram a poeira, que é conduzida às fornalhas para ser queimada. Ao mesmo tempo aspiradores eléctricos de poeira varrem continuamente o chão da fábrica.

## HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, asrupções ou ardência na pele.

Vende em todas as farmácias e drogarias

**Vicente Ribeiro & Carvalho  
da Fonseca, Limitada**

RUA DA PRATA, 237  
LISBOA

# CRIMINOSOS DE GUERRA

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 9)

dois chefes nazis, acusando-os, claramente de traição. Personalidades que, como Pappen, Neurath e Schacht, desempenharam não apenas na vida alemã, mas na vida europeia durante os últimos vinte cinco anos, papéis de relevo e ocuparam posições preponderantes, manifestam febrilmente o desejo de se eximirem por todos os meios ao ajuste de contas que sempre preconizaram em relação aos seus adversários. Dos chefes militares, Keitel e Jodl, Raeder e Doenitz, a sua defesa consiste na afirmação, contestada exuberantemente pelos factos, de que se limitaram a cumprir ordens e a obedecer estritamente às regras de disciplina inerentes à sua profissão.

A vastidão, a natureza e a complexidade da documentação exibida pelos acusadores, documentação impressionante pela quantidade e pela qualidade, bastam para invalidar as teses artificiais engendradas pelos acusados e pelos seus defensores. Nunca, certamente, com um rigor verdadeiramente histórico e uma cautela que desafia todas as comparações, se produziu prova tão esmagadora como aque-

la que tem sido feita no julgamento de Nuremberg, contra os acusados nazis.

Os vestígios que deixaram da sua acção são indeléveis e encontram-se impressos com tal vigor, por sua própria iniciativa e com a responsabilidade das suas assinaturas ou dos seus depoimentos orais devidamente registados, que nenhuma dúvida resta já hoje no espirito de todos aqueles que têm seguido atentamente o desenrolar do julgamento quanto às culpas de que os acusados se tornaram responsáveis. A recordação da sua actividade funesta, feita agora no ambiente sereno e austero dum grande tribunal de justiça internacional, transporta-nos à época dramática em que as iniciativas da Wilhelmsstrasse ou os discursos do Fuhrer faziam tremer o mundo e levavam a humanidade a duvidar do seu próprio destino. E' preciso, porém, não esquecer que, para que essa época se considere definitivamente removida, foi necessário que uma guerra sem precedentes causasse vinte milhões de mortos e trinta de mutilados, além de perdas e estragos materiais incontáveis.



★ Uma das belezas do cinema: Iracema Dillian ★



Quere saber porque milhões de homens preferem, a todos os outros, o sistema de barbear Gillette? É porque as lâminas Gillette asseguram barbas bem feitas, rápidas, suavemente escañoadas... Ainda não é fácil comprar todas as lâminas Gillette que se quere, pois a sua produção ainda é restrita, cuide pois das que tem: Elas merecem-no.

Esc. 7\$50 as 5 lâminas  
Esc. 15\$00 as 10 lâminas

## Laminas GILLETTE



75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º

LISBOA

## «J. I.» PRODUTOS (DÔCE INGLEBY)

ALPERCHE  
AMEIXA  
CEREJA  
GINJA  
LARANJA



MAÇA  
MORANGO  
MARMELO  
PÊCEGO  
PERA ETC.

ORANGE-MARMALADE

VENDEM-SE NAS BOAS  
MERCEARIAS E CONFEITARIAS

SEJA PRÁTICO E ECONÓMICO

viaje

na

# C. P.

Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 — no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 732

## Corpo de engenharia

(Continuação na página 16)

lofotes e agrimensura, batalhões de telegrafistas e de sapadores de caminhos de ferro e unidades de transporte por caminhos de ferro e estradas.

Esta expansão continuou durante a guerra de 1914-18. Separaram-se do Corpo primitivo as companhias de sinais-eiros que, em 1920, ficaram constituindo o Real Corpo de Sinais-eiros.

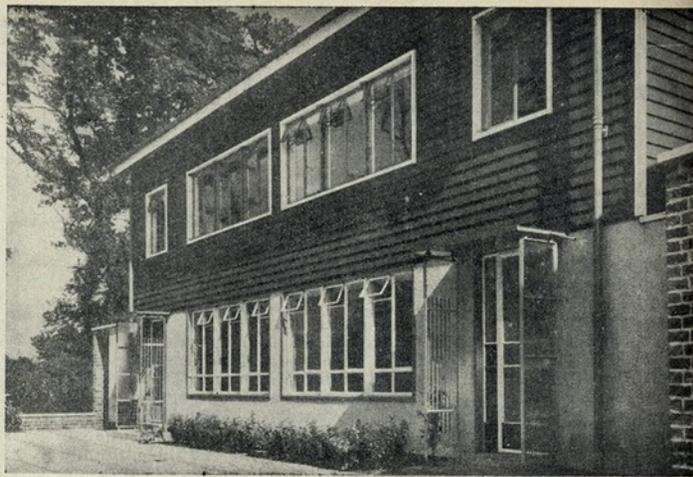
O Real Corpo de engenharia manteve-se sempre na dianteira em assuntos de aeronáutica e foi na sua secção de aerostatos que nasceu o Real Corpo de Aviação, que por sua vez se amalgamou em 1918 com os Serviços da Aviação da Marinha de Guerra para se transformar na actual R. A. F.

Durante a guerra mundial o sapador continuou a trabalhar nas posições de maior perigo, bem à frente das tropas de combate. Da sua habilidade para descobrir e remover as minas terrestres dependia muito do que se ia seguir em tôdas as batalhas.

A construção de estradas, de pontes, de cais acostáveis e a sua manutenção tinha que executar-se muitas vezes de baixo do mortífero fogo inimigo, como o caso da construção da ponte Bailey sobre o rio Rápido na Itália. Na travessia do Reno, na Alemanha, o regimento de assalto do Real Corpo de Engenharia desempenhou papel preponderante.

O sapador está em tôda a

# As novas habitações britânicas



A moderna casa inglesa é dum plano racional e construída com materiais ligeiros e resistentes

parte, cumprindo o seu dever, sejam quais forem as circunstâncias, portando-se à altura da divisa do seu Corpo:— «Ubique. Quo Fas et Glória Ducunt». (Por tôda a parte. Onde conduzem o Bem e a Glória).

## DE BOA VONTADE

(Continuação da página 25)

cionar materiais essenciais para os fins de guerra. Carros de linha, pedaços de borracha, cordel, ossos e uma variedade de outras coisas foram apanhadas e coleccionadas pelas crianças das escolas, que competiam alegremente umas com as outras nesse trabalho. Houve uma semana em que se apanharam nos bosques muitos sacos de fôlha de dedaleira para fabricação de digitalina. No fim do verão e no outono pedia-se às crianças que apanhassem os frutos da rosa silvestre para fazer xarope, que é rico em vitamina C.

### Férias bem diferentes

Procurou-se sempre tornar as férias tão diferentes quanto possível dos períodos escolares mas descobriu-se que, em resultado da associação das aulas com os jogos e com a vida caseira das crianças, desenvolveu-se nelas um desejo de colaboração que era desconhecido antes da guerra. Querem limpar o pó às aulas, adoram apanhar e coleccionar ossos, pedaços de borracha e outras coisas e adaptam-se à vida rural das aldeias como se ali tivessem nascido.

As crianças com mais de 14 anos iam durante as férias para os acampamentos agrícolas organizados por tôda a Grã-Bretanha para auxiliar a produção de gêneros alimentícios. Iam para os campos dos seus próprios distritos e viviam em grandes acampamentos construídos para esse

fim, juntamente com os auxiliares encarregados dos assuntos sociais e domésticos. As crianças de 14 anos destinavam-se trabalhos mais ligeiros do que aos adultos mas recebiam a sua remuneração da mesma maneira. O tempo da apanha e do empacotamento de fruta era, está claro, aquele que mais apreciavam.

Nalgumas das maiores cidades da Grã-Bretanha abriram-se nos últimos tempos da guerra, para as crianças que lá ficaram, centros de jogos. Estes centros possuem, para uso das crianças, aparelhos Montessori, jogos para educação dos sentidos, principalmente do ouvido, e todos os jogos de construção que se dão modernamente às crianças. As autoridades, porém, queriam que as crianças saíssem das cidades do sul da Inglaterra e as organizações dessa natureza foram portanto concentradas, na sua maioria, em áreas absolutamente seguras.

Os professores e as professoras das escolas executaram um dos trabalhos mais esforçados e duros da guerra no cuidado continuo que tomaram pelas crianças, mês após mês. Cabem-lhes portanto a parte correspondente das honras, juntamente com as mulheres do Serviço Voluntário Feminino, que tinham a habilidade de passar dos mercados de troca de roupa para crianças para os centros de descaço organizados dum momento para o outro para as populações desalojadas pelos bombardeamentos que lhes destruíram as casas e para o angariamento de sacos para a colheita de frutos da rosa silvestre para as farmácias. A estes se juntam também muitos auxiliares modestos que nem insígnia tinham e que iam às escolas e aos acampamentos proporcionar às energias juvenis tarefas e excursões cheias de encanto e de utilidade para o seu desenvolvimento físico.

## A SOLUÇÃO DE FOTO-CRIME

O cofre foi encontrado duas semanas depois do roubo. Se ali tivesse sido colocado, naquela data, a relva encontrada dentro do cofre estaria seca ou, quando muito, amarelada e não verde como o inspector a encontrou. Portanto o cofre havia sido colocado na véspera ou quando muito na ante-véspera.

Pick e Carp, sob discreta e continua vigilância, não haviam voltado a casa de Mr. Roach desde que se dera o roubo. Portanto, só poderia ter sido Paula, a secretária.

O inspector Cobbe resolveu, por isso, fazer uma busca ao quarto dela. Já quasi perdidos as esperanças, encontrou, por fim, debaixo de uma das tábuas do soalho, as célebres camuradas, embrulhadas num pedaço de camurça.

Mesmo assim, Paula negou, terminantemente, que tivesse sido ela. No entanto, apertados interrogatórios levaram-na a confessar o que fizera. Ela mesma dera a pancada na cabeça de Mr. Roach, sem cúmplice algum.

Quereis  
ganhar  
dinheiro  
anunciai no  
"Mundo Gráfico"  
A melhor revista  
portuguesa  
de actualidades

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA

# A B. B. C. FALA E O MUNDO ACREDITA

Algumas das actrizes que, durante a guerra, cantaram para distrair os soldados



BETTY DRIVER



Sylvie Saint Clair, popular cantora francesa, vestindo um bolero que ela mandou fazer, especialmente, em Paris, com as divisas dos regimentos onde esteve



BERYL DAVIS



VERA LYNN



GLORIA BRENT



**MUNDO  
GRÁFICO**

**ESTA JAVANESA JÁ PODE SORRIR.  
OS NIPÓNICOS FORAM DERROTADOS**